



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA ESPANHOLA

LUANA ALINE AMÉLIA DE AGUIAR

**ENTRE MÉTODOS E ABORDAGENS DE ENSINO DE LÍNGUAS
ADICIONAIS: NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA EM
FORMAÇÃO**

MONTEIRO-PB
MARÇO- 2016

LUANA ALINE AMÉLIA DE AGUIAR

**ENTRE MÉTODOS E ABORDAGENS DE ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS:
NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para conclusão da Licenciatura em Letras-Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Marques de Souza

MONTEIRO-PB
MARÇO– 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A283m Aguiar, Luana Aline Amélia de
Entre métodos e abordagens de ensino de línguas adicionais
[manuscrito] : narrativas de uma professora em formação / Luana
Aline Amélia de Aguiar. - 2016.
60 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Exatas, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Fábio Marques de Sousa,
Departamento de Letras".

1. Espanhol. 2. Métodos de ensino. 3. Língua Adicional. I.
Título.

21. ed. CDD 460

LUANA ALINE AMÉLIA DE AGUIAR

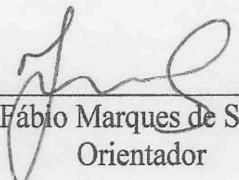
**ENTRE MÉTODOS E ABORDAGENS DE ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS:
NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para conclusão da Licenciatura em Letras-Espanhol.

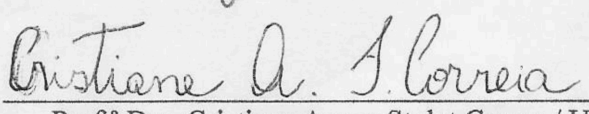
Orientador: Prof. Dr. Fábio Marques de Souza

Aprovado em 23 de março de 2016

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Fábio Marques de Souza / UEPB
Orientador



Prof.ª Dra. Cristiane Agnes Stolet Correa / UEPB
Examinadora



Prof.ª Me. Angela Patricia Felipe Gama / PG-PUCSP
Examinadora

El aprendizaje no es el medio de acumular conocimiento, sino el medio de llegar a ser un estudiante más capaz en aquello que se estudia.

(Gattegno)

AGRADECIMENTOS

Devo meus principais agradecimentos a Deus, por permitir minha chegada até aqui, me abençoando, me ajudando e me dando forças para prosseguir nessa jornada acadêmica que, por muitas vezes, pensei em desistir, mas Ele sempre esteve ao meu lado. Como diz Salmos 34-7 “Deleita-te também no senhor e ele atenderá os desejos do teu coração”.

Quero agradecer aos membros que compõe minha amada família, minha mãe Lindaci, a mulher que eu mais amo, guerreira, que desde a minha infância tem o papel duplo de mãe e pai, que realizou e realiza até o dia de hoje de maneira sábia e majestosa e ao meu pai do coração Carlos. Agradecer pelo apoio a mim concedido, desde o início do curso. Aos meus avós Marina e José (Zurita) que são meu alicerce, amo vocês.

Ao meu esposo Wellington que sempre me apoiou, me ajudou muitíssimo em todos os sentidos, pelo amor que tem por mim, pelos encorajamentos, palavras de incentivo e pôr estar ao meu lado sempre, obrigado.

Ao Eduardo, pela sua amizade sincera, companhia nos dias monótonos e cansativos, pelos dias divertidos, pelo incentivo e força que tem me dado. Por me distrair nas horas mais desesperadoras e por me ouvir sempre. Obrigado meu amigo.

Ao meu orientador, Dr. Fábio Marques que aguentou por muitos meses meus apherreios e minhas paranoias, obrigado pela paciência, ajuda, orientação e o cuidado de sempre está me incentivando a dar o melhor de mim.

Um agradecimento especial a Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Agnes, atual coordenadora do curso de Letras, por ser essa grande profissional, que ensina por paixão, realmente faz o que gosta e fez com que eu percebesse que ensinar é realmente uma arte maravilhosa e que um professor faz toda a diferença na vida de um aluno, a senhora é um espelho para mim. Seu conhecimento, sua educação, seu profissionalismo e sua paixão pela literatura e Unamuno é claro, encanta os alunos. Fez-me ter o sonho de ser Doutora e ser uma boa profissional na área de língua espanhola. Agradeço-lhe por tudo.

Enfim, agradeço a todos que passaram por minha vida e deixaram um pouco de si, como também levaram um pouco de mim, a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta no que sou hoje, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Nossa intenção para esta pesquisa parte da preocupação em como abordar os nossos alunos em sala de aula se tratando do ensino de uma língua adicional, neste caso o espanhol. Como professores de línguas e durante nossa vida acadêmica como alunos de graduação buscamos refletir no como ensinar e nos resultados que iremos obter a cada novo desafio, para isso e por isso estudamos, analisamos e buscamos constantemente os métodos e abordagens mais adequados para chegarmos aos alunos. O que leva um professor a ensinar como ensina e a obter os resultados que obtém? Podemos imaginar que seria uma pergunta fácil de responder, entretanto se faz necessária toda uma análise por parte do professor, desde o momento que começou a vivenciar e a conviver no ambiente estudantil, até sua chegada em sala de aula. É necessário que o docente saiba utilizar métodos de ensino que sejam eficazes para seus alunos, mas será que apenas um método é suficiente para uma sala de aula? Existe o melhor método para se trabalhar com alunos que estão aprendendo uma língua adicional? Um profissional da educação em sua sala deve sempre planejar a aula da maneira que lhe convém? Ou ainda, do modo que já está acostumado e do jeito que aprendeu enquanto estudante? O objetivo deste estudo é narrar nosso trajeto investigativo na busca pela compreensão a respeito destes aspectos, queremos, pois, a partir dessas inquietações, despertar em cada um a necessidade de estarmos em constante reflexão, nos analisando enquanto alunos, para que nossa prática docente obtenha significado genuíno e tenhamos uma filosofia de trabalho, um ideal, e não sejamos apenas meros repetidores de signos linguísticos, baseamo-nos assim em conceitos de Almeida filho (1998), Sánchez Perez (1997) Leffa (1988), Richards e Rodger (1998) entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Espanhol. Métodos de ensino. Abordagens. Língua adicional.

RESUMEN

Nuestra intención para esta pesquisa parte de la preocupación en abordar nuestros alumnos en la sala de clases se tratando de la enseñanza de una lengua adicional, en este caso el español. Como profesores de lenguas y durante nuestra vida académica como alumnos de graduación buscamos reflejar en como enseñar y en los resultados que iremos obtener en cada nuevo desafío, para eso y por eso estudiamos, analizamos y buscamos siempre los métodos y los abordajes más adecuados para llegarnos a los alumnos. ¿Lo que lleva un profesor a enseñar como enseña y a obtener los resultados que obtiene? Podemos imaginar que sería una pregunta fácil de contestar, sin embargo se hace necesario un análisis por parte del investigador, desde el momento que el individuo empezó a vivir y convivir en el ambiente estudiantil, hasta su llegada a la sala de clases. Es necesario que el docente sepa utilizar métodos de enseñanza que sean eficaces para sus alumnos, pero ¿será que solo un método es suficiente para una sala de clase? ¿Cuál es el mejor método para trabajar con alumnos que están aprendiendo una segunda lengua? ¿Un profesional debe siempre planear la clase de la manera que le conviene? O aún, ¿del modo que ya está acostumbrado y de la manera que aprendió en cuanto estudiante? El objetivo de este estudio es narrar el trayecto de investigación en la búsqueda por la comprensión al respecto de estos aspectos, queremos, pues, a partir de esas quietaciones, despertar en cada uno la necesidad de estamos en constante reflexión, analizándonos en cuanto alumno, para que nuestra práctica docente obtenga significado genuino y tengamos una filosofía de trabajo, un ideal, y no solamente repetidores de signos lingüísticos, basémonos así en conceptos de Almeida filho (1998), Sánchez Pérez (1997) Leffa (1988), Richards e Rodger (1998) entre otros.

PALABRAS-CLAVE: Español. Métodos de enseñanza. Abordajes. Lengua adicional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Objetivo Geral	12
Objetivos Específicos.....	13
Metodologia da Pesquisa	13
Organização do Trabalho	15
CAPÍTULO 1	17
ABORDAGENS DE ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS	17
1.1 Abordagem e método	17
1.3 Uma visão geral das principais abordagens	21
1.3.1 Abordagem da gramática e tradução (AGT)	21
1.3.2 Abordagem Direta (AD).....	23
1.3.3 Abordagem Audiolingual (AAL)	24
1.3.4 Abordagem Comunicativa (AC)	26
CAPÍTULO 2	36
O MÉTODO COMUNICATIVO EM SALA DE AULA E SUAS PARTICULARIDADES.....	36
CAPÍTULO 3	47
REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO	47
3.1 Narrativa pessoal - do ensino infantil ao superior – fatores externos influenciam no ensino e aprendizado?.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

A importância da aprendizagem de uma língua adicional¹, o espanhol, vem causando uma grande procura em instituições privadas de ensino de idiomas, houve também grandes mudanças no currículo das escolas públicas e privadas por motivo da lei governamental 11.161/2005, vista no anexo A, que impõe que o ensino de língua espanhola é de oferta obrigatória pela escola, para o nível médio e facultativa para o nível fundamental e nas escolas públicas deve ser incluso no horário regular das aulas. A partir disso se deu grande ênfase e mais atenção ao espanhol como língua adicional, isso é significativo e importante, pois é deste pequeno ponto e aparentemente insignificante que surgem os problemas, as dúvidas e os questionamentos por parte dos profissionais dessa área, entretanto sabemos que a grande maioria dos professores independentemente do que ensinam, levam consigo também essas questões e que grande parte deles estão em constante estudo para melhorar sua prática frequentemente. Como ensinar, como levar essa língua aparentemente “conhecida” para o cotidiano do alunado ou ainda como fazer com que os mesmos se mantenham interessados durante todo o período de aulas e quem sabe também fazer com que eles descubram esse interesse indo além das aulas da escola?

Surge então a pergunta frequente entre docentes de qualquer que seja a instituição e me utilizando como exemplo neste momento como sendo uma professora de espanhol em formação, que método irei utilizar, como apresentarei o espanhol a esses alunos e como obterei resultados positivos.

O trabalho do educador, focando em um outro idioma algumas vezes, não é valorizado como deveria, não é levado em consideração como tais disciplinas, nem tão fácil como imaginam, (talvez por pensarem que uma aula se resume a um livro e o preenchimento dele.) Então alguns indivíduos com pensamentos limitados entram em uma sala de aula sem a mínima formação para realizar tal feito e conseguem resultados lamentáveis, mas enfim, nosso foco aqui não será essa questão, queremos explorar um pouco de como o docente pode chegar até o aluno de maneira eficaz, causando resultados positivos e significativos.

¹Para Souza (2015), a escolha por essa nomenclatura para fazer referência às línguas não maternas se justifica pelo fato da denominação língua estrangeira remeter ao pensamento do que é alheio, oposto, diferente. Compartilhando da citação de Almeida Filho (1993) de que aprender Língua Estrangeira “é crescer numa matriz de relações interativas na língua-alvo que gradualmente se *desestrangeiriza* para quem a aprende (p.15)” e tendo em vista que a língua, para ser aprendida/adquirida precisa se desestrangeirizar num complexo contínuo, o pesquisador julga mais adequado nomeá-la como uma língua adicional, e não estrangeira.

Levando em consideração que sempre lidamos com grupos e conseqüentemente nem todos aprendem da mesma maneira e no mesmo ritmo, isso é uma questão dentre as muitas que o professor tem que saber lidar diariamente, estudar uma língua é muito mais que a gramática somente, é uma relação de proximidade, que capacita a pessoa que se disponibiliza a aprendê-la para que tenha experiências verídicas e satisfatórias com pessoas que compartilham esse mesmo idioma e que incentive a importância e a valorização do outro. Almeida Filho expõe o significado do aprender uma língua e a sua importância no meio.

Aprender uma língua é aprender a significar nessa nova língua e isso implica entrar em relações com outros numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões e mobilizadora para ações subsequentes. Aprender uma língua estrangeira é crescer numa matriz de relações interativas na língua-alvo que gradualmente se desestrangeiriza para quem a aprende. (1998, p.15)

Mas, para que essa tarefa seja feita cada vez mais organizada, até o presente momento, já foram desenvolvidas maneiras, métodos, abordagens, técnicas, enfoques, competências, para que o profissional tenha um melhor apoio e possa ter teorias e materiais de ajuda desde a universidade até a prática efetiva de sua profissão. Para um melhor aproveitamento da presente pesquisa abordaremos alguns conceitos básicos referentes a esses assuntos. O que seria abordagem e método, há uma diferença entre ambos ou são sinônimos, existe diferença entre aquisição e aprendizagem?

Há uma necessidade constante, entre os pesquisadores da área da educação, em como desenvolver cada vez mais métodos para que os alunos compreendam e assimilem determinado componente curricular e em aperfeiçoar os métodos já existentes. A cada estudo visam a importância de avançar e modificar o que já existe, mudam tanto cada abordagem a ponto de parecer outra, mas que na essência partem de um ponto relevante da abordagem anterior, mudando os pontos que não foram tão satisfatórios. É necessário que o professor se mantenha atualizado, exercendo seu papel de pesquisador, se preocupando com a construção do conhecimento daqueles que dele depende, Mar expõe claramente essa ideia quando cita “[...] não se contente em ser instrutor apenas, mas um pesquisador que, refletindo constantemente a respeito de sua postura pedagógica, se preocupa com a construção do processo de ensino e aprendizagem, para intervir de forma crítica [...]” (2006, p.173).

O método que por ele será usado pode transformar vidas estudantis e formar a partir dos esforços de cada um, futuros profissionais dignos de sucesso, da mesma maneira que pode constranger e fazer com que o aluno seja robotizado e aprender a não gostar da língua que se propôs a estudar, tudo isso a princípio depende também do profissional mediador do

conhecimento e de sua prática de ensino, suas metodologias e principalmente dos métodos e/ou abordagens utilizadas, como expõe Mar, “[...] a postura adotada pelo professor em sala de aula pode, realmente, ser considerada um dos fatores responsáveis pelo sucesso ou fracasso na aquisição da língua [...]” (2006, p.175), mas não podemos esquecer que uma série de fatores influenciam a aprendizagem ou não do aluno, fatores externos à escola: a família, o círculo de amizades, a visão que ele tem dos mais próximos que são muitas vezes os próprios pais, a condição financeira, a cultura, o ambiente, o apoio em relação ao estudo, etc. e em muitos casos vemos que o professor termina por carregar todo esse peso, ou seja, os problemas dos alunos se misturam automaticamente com sua vida estudantil, problemas vindos de sua casa os acompanham até a escola, a visão que tem acerca da escola, muitas vezes desvalorizando-a, a carência da educação familiar desde os primeiros anos interferem na sua relação com os outros na própria escola, todas essas questões terminam por ficar na responsabilidade da figura do professor.

Um ponto importante a ser considerado, não é definir ou estipular a maneira correta do professor se portar em sala de aula ou ainda dizê-lo qual método usar, vai muito além, queremos fazer conhecer um pouco mais sobre os métodos do ensino de línguas, tanto do ponto de vista diacrônico (a sucessão histórica dos diferentes métodos) como sincrônico (a convivência de diferentes métodos em uma época). Sem uma visão histórica, é pouco provável que consigamos prosseguir com nossa pesquisa e nosso entendimento acerca das abordagens de ensino em uma língua adicional. Isso tem relevância para compreendermos de onde vem, para onde vai, em qual época surgiu determinada abordagem e em quais circunstâncias foram utilizados, para que percebamos que não é em todo contexto que podemos utilizar tal abordagem. Para que o professor perceba que pode fazer a diferença sem uma necessidade de inventar, mas sim de inovar.

Abordaremos ao longo da pesquisa diversas abordagens, diferentes visões, porém dando um pouco mais de atenção no decorrer da análise no método tradicional e comunicativo, a partir da análise entre ambos e de relatos próprios nos dois casos, como professora de espanhol em formação.

Objetivo Geral

- Buscar pela auto compreensão e analisar a partir de relatos próprios como professora em formação o porquê da utilização de determinados métodos e abordagens e por que tais resultados, tendo como ponto de partida a minha vida

enquanto aluna do ensino fundamental e médio refletindo e interferindo na minha prática docente.

Objetivos Específicos

- Conhecer as principais características da abordagem comunicativa, tradicional, audiolingual e direta.
- Abordar as particularidades do método comunicativo visando à aprendizagem conjunta.
- Contrastar os principais métodos de ensino abordando sua interdependência.
- Expor uma narrativa própria do contato direto com o método tradicional e comunicativo no ensino de língua espanhola.
- Evidenciar a importância dos variados métodos existentes e disponíveis para o ensino de uma língua adicional.

Metodologia da Pesquisa

O tipo de pesquisa utilizada em todo trabalho acadêmico, seja ele qual for, é de fundamental importância, claro, pois é a partir dessa metodologia escolhida pelo autor que as ideias vão sendo desenvolvidas e explicadas da melhor forma possível. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa utilizada neste trabalho foi a Pesquisa Bibliográfica e Narrativa.

Nosso trajeto se iniciou com a pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Moreira (2008, p.74), “[...] a pesquisa bibliográfica busca seu apoio e é desenvolvida a partir de material já elaborado[...]”. Esse tipo de pesquisa não se resume apenas em escrever e copiar o que já foi produzido por outros, é necessário e fundamental que o que elabora, enquanto pesquisador não só leia, mas analise de forma crítica, e possua uma visão ampla e aberta, enquadrando suas ideias e questionamentos ao material que foi lido, sempre fazendo a correlação entre ambos, buscando contrastes ou semelhanças que lhe forem convenientes e oportunas, dependendo do foco que será explorado e discutido pelo autor do trabalho.

Esse tipo de pesquisa é significativo porque geralmente é necessário termos uma base, um ponto inicial para tratarmos de um tema, buscar pessoas que já abordaram o conteúdo a partir do mesmo ponto de vista ou de forma semelhante, pessoas que foram além, indivíduos que passaram anos e anos pesquisando determinado assunto e que possuem um acervo

grandioso a respeito do tema. Então não podemos nos apegar simplesmente ao que achamos ou pensamos (claro que isso é um dos propósitos, desenvolvermos nossos conhecimentos, habilidades e ideias a respeito do que estamos estudando, pesquisando e produzindo) mas temos a oportunidade e a liberdade de utilizar fontes para que a nossa pesquisa obtenha consistência, veracidade e por que não, adquirir visibilidade e reconhecimento, transmitir ensinamentos e um aprendizado confiável para quem a ler.

Moreira (2008, p. 74) expõe claramente o objetivo da pesquisa bibliográfica.

O objetivo principal é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi produzido na área em questão. No entanto, o indivíduo deve lembrar-se de que a pesquisa bibliográfica não é a mera repetição do que já foi dito e escrito sobre um determinado assunto. Como todos os demais tipos de pesquisa, exige do pesquisador a reflexão, sobre os temas consultados e incluídos na pesquisa.

Do ponto de vista da sua finalidade essa pesquisa abordará e fará a utilização também da Pesquisa Aplicada, que tem como foco gerar conhecimentos para uma aplicação prática, sempre envolve situações cotidianas, verdades e interesses locais. Nesse tipo de pesquisa são abordados problemas específicos, para que a partir desse contexto outros profissionais da mesma área ou não possam ter acesso, como suporte para o desenvolvimento de outros pontos semelhantes.

Em seguida, a pesquisa narrativa visivelmente exposta, pois estão presentes narrações próprias, relacionadas à problemática do porquê ensino de uma maneira e não de outra, porquê obtenho determinados resultados, ou ainda quais os métodos de ensino mais adequados para uma sala de aula, de maneira ou de outra, já iniciamos nossa reflexão, entre as paredes da universidade, pois é nesse ambiente que passamos a pensar de maneira crítica em nossa futura profissão, a exercê-la e a ver os problemas nela existentes.

Fazer utilização desse tipo de pesquisa revela uma suposta inquietação que o indivíduo possui dentro de si, é querer a partir de suas vivências, soluções, ou resoluções para problemas típicos da nossa própria vida enquanto estudante do ensino fundamental e médio, por exemplo. É buscar compreender porquê determinado professor agia daquela forma, porque eu hoje ajo dessa maneira. E em algum momento vêm as necessidades de entender e então as dúvidas e os porquês, nada me resta a fazer a não ser analisar a partir do que sei hoje como estudante de Letras - Espanhol e futura professora na área de língua estrangeira.

Telles (1999, p.81) cita que:

A pesquisa narrativa, e suas variantes não só nos propiciam a construção de representações da prática pedagógica do professor de língua como, também, têm o potencial de apresentar a própria experiência de vida dos professores nas suas mais vívidas formas, através de narrativas, através de narrativas historiadas.

O professor sai da espera de observar os outros e passa a analisar a si mesmo em sua prática docente, visando crescer profissionalmente, as histórias contadas pelo professor passam a ser o objeto de investigação, para haver uma melhora significativa na postura do docente.

Os interesses principais dessa pesquisa estão direcionados para a experiência ao invés de uma lógica formal construída e determinada. Também visa a maneira que o indivíduo obtém esse conhecimento, de onde surgiu, suas experiências passadas e suas vivências diárias como aluno (somos sempre aprendizes da vida, e sempre buscamos nos especializar em nossa área profissional) e como professores (mediadores do conhecimento entre conteúdo e aluno).

A pesquisa narrativa se volta para a história pessoal do participante e leva em consideração a história social da escola e a escolarização do indivíduo, porque o que se passa na vida do aluno que se torna um professor vai ser refletido por ele já na sua docência, e ele vai fazer da mesma maneira que aprendeu ou procurar mudar certas práticas que lhe pareceram negativas enquanto discente. “A pesquisa narrativa rejeita o papel passivo do professor enquanto mero objeto de pesquisa a ser observado e estudado” (TELLES, 1999, p. 83).

Todas estas questões são também para que o indivíduo obtenha confiança na hora de defender seu ponto de vista, no momento de defender suas ideias e criar novos pontos de desenvolvimento e novos conceitos quem sabe. Ser persistente, analisar coerentemente durante seus estudos, buscando um mundo além do que aquele que ele se encontra no momento. Metaforicamente falando, podemos dizer que é utilizar a raiz da árvore já existente, para buscar criar novas ramificações a partir da base principal.

Organização do Trabalho

Este trabalho está organizado em três partes principais, divididas em capítulos. O primeiro capítulo se intitula *Abordagens de ensino de línguas adicionais*. Expõe algumas abordagens utilizadas no ensino de uma nova língua em sala de aula e suas principais características, uma visão de método e abordagem a partir dos escritos de Almeida Filho (1998) e Richards e Rodgers (1998) e dentre outros.

No segundo capítulo vamos trabalhar exclusivamente com o método comunicativo e tem como título *O método comunicativo em sala de aula e suas particularidades*, dentre

diversos pontos veremos o papel do professor e do aluno em sala de aula quando utilizado esse tipo de método, qual sua importância, características desses métodos, dificuldades encontradas pelos docentes, etc.

O terceiro capítulo titulado *Reflexões de uma professora em formação*, apresenta alguns relatos pessoais da prática docente, enquanto universitária, algumas visões e pontos de vista de uma professora de língua espanhola, que não teve o espanhol em sua grade curricular na educação fundamental e média. São expostas também algumas inquietações, qual método utilizar em sala de aula, qual seria mais eficaz, por que ensino como ensino, e como e por que obtenho determinados resultados, quais experiências fizeram com que eu me tornasse uma professora com determinadas visões ou com um modelo específico em mente.

CAPÍTULO 1

ABORDAGENS DE ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS

Neste capítulo, descrevo alguns dos métodos utilizados em sala de aula no ensino de língua adicional, neste caso direcionando para o espanhol como língua alvo, exposições e esclarecimentos dos conceitos de abordagem, métodos e competências, que leva automaticamente a auto avaliação da postura do docente em sala de aula.

Como Professores de espanhol buscamos diligentemente métodos que mudem e facilitem a aprendizagem dos alunos, fazendo com que os discentes não assimilem somente regras e formas gramaticais, mas que adquiram uma capacidade efetiva em relação à língua espanhola, que se comuniquem de maneira natural e genuína no meio de estudo que se encontrem e para isso veremos a seguir a definição do que seria método e abordagem, é importante termos em mente estes conceitos para que entendamos os elementos que compõem o processo de ensino e aprendizagem do espanhol como língua adicional e prosseguirmos no estudo.

1.1 Abordagem e método

De acordo com Almeida Filho (1998), a abordagem caracteriza-se como uma filosofia de trabalho do professor, que, em suas crenças e pressupostos, traz consigo, mesmo que de forma implícita, conceitos a respeito da linguagem, do aprendizado e do ensino de línguas, que orientam o planejamento do curso, seleção, análise e produção de materiais educativos, os métodos empregados – recursos e técnicas – e a avaliação da proficiência no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Sánchez Pérez (1997) expõe de maneira semelhante a mesma ideia, que um método deve, por necessidade se concretizar na prática através de operações, ações ou atividades, pois a metodologia atinge seu objetivo quando se opera com a realidade.

Do ponto de vista de Leffa (1988), o uso do termo método se tornou abrangente e muito utilizado no passado, a partir disso convencionou-se subdividi-lo em abordagem, que no inglês quer dizer – *approach*- método propriamente dito, segundo ele “abordagem é o termo mais amplo e engloba os pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem. As abordagens variam na medida em que variam esses pressupostos. (p.211, 212) ”.

Segundo o dicionário Luft, a palavra método abrange três possíveis definições, pequenas e resumidas como vemos a seguir:

1- Maneira de ordenar a ação segundo certos princípios. 2- Ordem seguida na investigação, no estudo, na persecução de quaisquer objetivos, etc. 3- modo de agir com disciplina, técnica e organização. (LUFT, 2000, p.456)

Vemos as definições e vamos abordá-las a partir de visão que percorre no meio educacional, voltando as concepções principalmente ligadas ao foco da língua adicional.

A palavra método vem do grego *métodos*, uma palavra composta por *meta*, que denota sucessão, ordenação e *hodós*, que significa via, caminho (VILAÇA, 2008, p. 75). Percebemos que partindo de ambas as definições o método quando seguido de maneira organizada, pensada e definida, visa a chegar a fins propostos inicialmente desejados pelo pesquisador, podendo se tratar de estudo, pesquisa, aprendizagem, ensino etc. Podemos dizer também que seria o percurso para chegar ao objetivo, a maneira de fazer ou de ensinar alguma coisa, trabalhando em cima de uma ordem, de um processo e de técnicas.

Do ponto de vista do autor Rampazzo *apud* Vilaça (2008), método está relacionado a “um conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência, ou para um determinado fim” (p.75). Também vemos a contribuição de Sánchez Pérez (1997), que afirma que “[...] por método se entiende tanto el camino sistemático y ordenado de hacer algo como el conjunto de técnicas o ejercicios que definen este camino o manera de actuar” (p.665)

Em outras palavras nos vários conceitos aqui expostos percebemos que a ideia de método é a “bússola”, é a ordenação a partir dos princípios, seguir de maneira linear desde os primeiros contatos do aluno com o espanhol, tendo em mente já os resultados que desejam ser alcançados.

A definição entendida pelo linguista Anthony trata o método como sendo intermediário entre a abordagem de ensino que utiliza o professor e as técnicas utilizadas por ele. Vejamos o que cita Anthony *apud* Vilaça (2008):

Por abordagem, o autor considera as concepções do professor a respeito da natureza da linguagem e dos processos de ensino e aprendizagem. Em outras palavras, a abordagem refere-se à visão geral sobre o que seja uma língua e sobre o que seja ensinar e aprender uma língua. Cabe ao método, estágio seguinte à abordagem, o papel de plano geral a para apresentação e ensino da língua. Este deve estar, portanto, de acordo com a abordagem, sendo derivado dela. Por fim, tendo sido planejado o método, este é realizado na prática docente por meio de diferentes técnicas. As técnicas são, portanto, os recursos, as estratégias e as atividades práticas empregadas

pelo professor, na sala de aula, para que o método atinja a sua realização concreta no contexto pedagógico (p. 76)

O Linguista Aplicado tem um conceito hierárquico, onde expõe a abordagem como sendo mais ampla, passando pelo método, que conseqüentemente leva a última parte, a técnica, que é a mais específica. Não podendo inverter os termos.

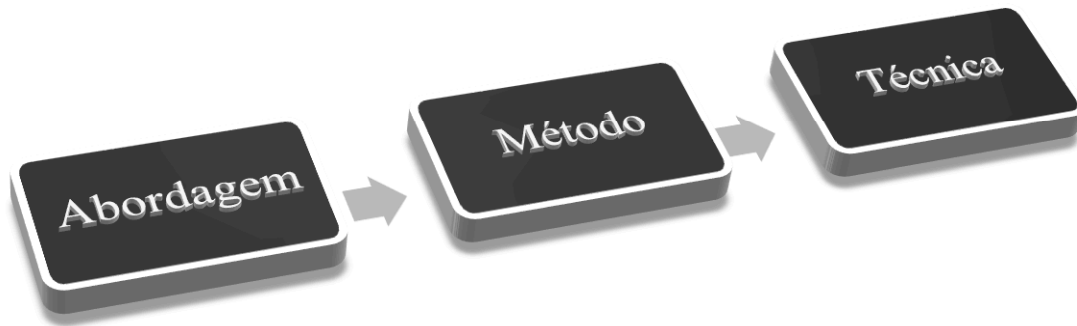


Figura 1 - Posição hierárquica do conceito de método de acordo com Edward Anthony

Na visão de Edward Anthony, abordagem vai estar relacionada à natureza do ensino, a aprendizagem da língua, as crenças sobre a língua e a descrição da matéria que se ensina. O método já será o grande plano geral para a apresentação ordenada do material linguístico. E no final a técnica, é o que ocorre na sala de aula, são os truques, artifícios, atividades, que são usados para conseguir os objetivos, e devem ser coerentes com o método.

Para este autor o método não é algo isolado, ele faz parte de uma formação com mais dois elementos, a abordagem sendo a primeira, nesta introdução se especifica a natureza do que é ensinar e aprender. Em continuidade o método que está ligado aos materiais linguísticos, procedimentos e maneiras de expor e pôr em prática os princípios expostos no primeiro ponto. E o terceiro elemento, a técnica, compreende o conjunto de atividades através dos quais o método se concretiza na sala de aula, ou seja, os procedimentos utilizados pelo professor. “Cabe, portanto, ao método a função básica de planejamento da atividade docente, levando em conta as concepções de linguagem e aprendizagem do professor”. (VILAÇA 2008, p.77).

Depois de explorarmos um pouco as ideias e conceitos do autor americano Anthony, também passaremos um pouco nas definições de Richards e Rodgers acerca do método e da abordagem, os quais também tiveram importantes conceitos, e que se tornaram bastante conhecidos e utilizados até os dias de hoje, no campo de ensino de línguas adicionais.

Richards e Rodgers deixam claro que o modelo de Anthony tem a vantagem de ser simples e amplo, mas ao mesmo tempo fazem a crítica em cima disso, pois de acordo com eles não houve a preocupação em especificar e distinguir a relação entre estas partes e ainda que não

é falado nada sobre alguns pontos importantes para eles, como por exemplo, o papel do aluno e dos professores, o papel dos materiais de ensino ou a forma que eles deveriam ter, e muito menos sobre como se relacionam métodos e técnicas.

De uma maneira bem simplificada, Richards e Rodgers dividem o método também em três componentes, mas agora não de maneira hierárquica, incluindo-se na cadeia, agora ele deixa de ser considerado intermediário e passa a ser uma combinação/junção entre os três elementos.

Então eles ampliaram um pouco mais, o que para Anthony é abordagem e método, para Richards e Rodgers está no nível do desenho, que é onde se determina os objetivos, o programa, e os conteúdos e onde se especificam os papéis dos indivíduos envolvidos. E o que é técnica para Edward passa a ser procedimentos para Richards e Rodgers.

Vejam a seguir a figura que deixará claro a visão de Richards e Rodgers (1998):

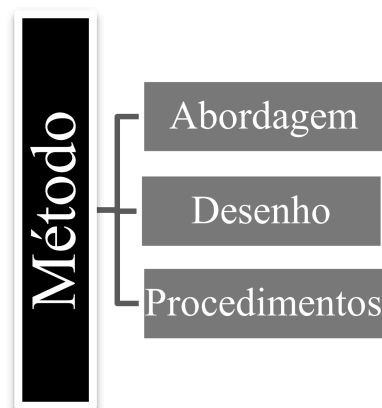


Figura 2- Relação entre elementos de um método segundo Richard e Rodgers (1998).

A abordagem para Richards e Rodgers (1998) seguindo a Anthony se refere às teorias sobre a natureza da língua, e sua aprendizagem, que são a fonte das práticas e dos princípios sobre o ensino de idiomas. O desenho é o nível de análise do método no que consideramos quais são os objetivos dele; como se seleciona e organiza o conteúdo da língua no método, ou seja, o modelo de programa que o incorpora; os tipos de tarefas de aprendizagem e de atividades de ensino que defende o método; o papel dos alunos, do professor; e o papel dos materiais de ensino.

E por fim, o último nível de organização em um método é o que eles chamam de procedimentos. Neste nível se incluem as técnicas concretas, as práticas e os comportamentos que aparecem no ensino de uma língua quando se utiliza um método específico. Se trata do nível no que descrevemos a maneira em que se materializa a abordagem e o desenho de um

método em desenvolvimento da aula. E esse nível se preocupa em como estas tarefas e atividades se integram em lições e se usam como base para o ensino e a aprendizagem.

Embora os autores diferenciem em alguns pontos, o método da abordagem, fazendo comparações de amplo ou restrito, o método como sendo intermediário entre a abordagem e a técnica ou ainda o método sendo formado pela abordagem, o desenho e os procedimentos, na presente pesquisa utilizaremos os dois termos como sendo sinônimos para uma melhor compreensão e entendimento do assunto aqui tratado.

1.3 Uma visão geral das principais abordagens

Nunam apud Vilaça cita que “A busca por um método perfeito foi durante muito tempo uma obsessão” (2008, p.74). Estudos apontam que se acreditava na possibilidade do desenvolvimento ou descoberta de um método que pudesse ser bem-sucedido em todos os contextos e com todos os alunos. Seria um acontecimento que pararia o grupo docente e seria extremamente conveniente e mais fácil para o alunado se assim acontecesse, entretanto digamos que estamos longe desse grande feito, pois se tratando de seres humanos, as mudanças são inevitáveis, e como educadores e propagadores da educação nada mais justo que acompanhar o desenvolvimento e os câmbios.

Muitas vezes a aula não atinge seus objetivos, ou melhor, não atingimos nossos pontos traçados para aquele grupo de alunos, por vezes nos sentimos desapontados com as abordagens que estamos utilizando, mas não percebemos que também não refletimos a respeito dos resultados, somente fazemos o uso de maneira mecanizada, na tentativa de encontramos o “método mágico”, nos esquecendo das constantes mudanças sociais e educacionais.

Durante séculos estudiosos, pesquisadores, linguistas e profissionais em várias áreas de pesquisa criavam, formulavam e reinventavam novos métodos e abordagens de ensino, “[...]dessa forma, conforme novas concepções e teorias surgiam nestas disciplinas, os métodos passavam a ser analisados e criticados por novas perspectivas” (VILAÇA, 2008, p.74). Analisaremos a seguir algumas abordagens a partir da análise da relação entre professor e aluno e do ambiente da sala de aula.

1.3.1 Abordagem da gramática e tradução (AGT)

Esse método é conhecido também como o famoso método tradicional, segundo Mar (2006), o termo AGT é mais usual, pois se trata da aprendizagem da língua adicional a partir

da tradução e comparação com a língua materna. Esse método era utilizado com o objetivo de perpetuar a língua que estivesse sendo estudada, fazer com que a mesma fosse trabalhada e não influenciada pela língua falada, “[...] era, portanto, uma língua cuidada e esculpida sem as comuns distorções ou ‘corrupções’ que apresenta toda linguagem utilizada na vida real” (SÁNCHEZ PÉREZ *apud* MAR, 2006, p.179), situação essa quase impossível de separar. Esse método clássico predominou na Europa durante séculos e o ponto chave era a transmissão da língua culta e, de acordo com esta, o ensino de língua adicional por meio da leitura, da escrita e tradução de padrões linguísticos normativos.

Algumas características dessa abordagem são a memorização de vocabulário, busca do domínio de regras gramaticais, exercícios de tradução e versão de textos clássicos, há uma rejeição da língua coloquial e da língua oral e a pronúncia não é valorizada, o foco é realmente a gramática e as regras. Geralmente as regras são memorizadas e a língua estudada é sempre posta em comparação com a língua materna do aluno, a língua é vista como um conjunto de exceções gramaticais, em todo o procedimento o professor é protagonista do processo, o material usado por ele se torna a única fonte disponível para seus alunos e a única maneira de interação entre eles. O aluno é um agente passivo que deve assimilar tudo que está sendo exposto. Geralmente neste tipo de método, os erros não são admitidos.

A língua escrita constitui o ponto de partida, o modelo de língua exposto por esse método está baseado em pessoas de fala culta, em alguns textos literários, por exemplo. Os objetivos da AGT, o aluno necessita ser capaz de traduzir, tanto do espanhol para o português quanto do português para o espanhol, memorizar listas de vocabulário, apresentar textos sempre ajustados as regras gramaticais, dentre outros.

Hoje, mesmo com as críticas que recebe esse método e/ou abordagem, não podemos esquecer do que diz Mar (2006, p.181) que:

Tem-se consciências das falhas de tal abordagem, mas não se pode ignorar que, durante anos, ela atendeu às necessidades existentes em uma época na qual se acreditava que “[...] a mente poderia ser treinada, através da análise lógica da língua, de muita memorização de regras e paradigmas complicados e sua aplicação em exercícios de tradução.”

Por tempos foi a utilização da AGT que supriu as necessidades dos alunos e dos professores da época, onde se acreditava em uma maneira de ensinar diferente da que vemos hoje. Sempre os métodos são renovados e vão sendo aperfeiçoados e melhorados frequentemente. Não devemos necessariamente excluí-los por completo, e sim integrá-los.

1.3.2 Abordagem Direta (AD)

Também conhecido como método direto, a abordagem direta surgiu logo após a AGT, como uma reação àquele modo de ensinar, logo no início do século XVI, muitos famosos daquela época tiveram a oportunidade de aprender o latim a partir dos métodos dessa abordagem, Berlitz *apud* Mar (2006, p. 181), cita duas características básicas dessa abordagem.

- a associação direta da percepção e do pensamento com a língua e com os sons da língua que se deseja aprender;
- o uso exclusivo do ensino baseado apenas na língua-alvo para evitar qualquer interferência da materna;

Em outras palavras, as características apresentadas na citação acima tinham como ponto chave nunca fazer o uso da língua materna como fonte de apoio, pois a criança deveria aprender desde o princípio a pensar, refletir, analisar, criar, reformular a partir da língua alvo, a língua que estivesse sendo aprendida, pois ele defendeu esse ponto de vista, usando o exemplo de que uma criança não conhece as regras gramaticais, porém, mesmo assim fala, se comunica bem, entende, produz e assimila a sua língua materna. Para que os resultados em sala sejam relevantes, é importante que o professor seja um falante fluente na língua alvo, tenha dinamismo, e estudo constante para que o idioma materno não seja introduzido em suas aulas, fazendo o uso de mímicas, imagens, objetos, fazendo com que esse contato possa influenciar de maneira positiva na aquisição da nova língua.

Para fazer com que o aluno pense no espanhol desde o primeiro momento, a abordagem direta utiliza de algumas características principais, tais como: ensino de novos significados sem recorrer a língua materna, a partir de objetos, desenhos, gestos, aprender o vocabulário básico necessário para comunicar-se nas situações cotidianas e familiares, a aprendizagem se dá por meio de imitação, audição e repetição, levar o aluno a pensar na nova língua, desenvolver a capacidade de entender e fazer-se entender na língua adicional, os materiais utilizados principalmente pelo docente são as perguntas, a utilização de ilustrações e o professor deve criar a interação em sala aula, nessa abordagem o papel do aluno é responder essas perguntas participando oralmente em todos os momentos na sala de aula, na AGT o professor é considerado o protagonista desse processo, na AD, ele, continua sendo, porém agora ele fornece o sistema linguístico independente da língua materna, ou seja, tem que prover meios de o aluno aprender sem passar o conhecimento em sua língua materna.

Entretanto, existem também algumas críticas relacionadas a esse tipo de abordagem, pois para muitos é quase impossível aprender um novo idioma sem pôr em questão algumas dúvidas e compará-las as de sua língua materna, nesse método não se permite realizar tal feito, a AD pode não funcionar bem em turmas com grandes quantidades de alunos, os docentes devem ser prioritariamente nativos, na grande maioria das vezes se torna muito difícil de ser realizado da maneira que essa abordagem requer, até porque a aquisição da língua materna é diferente da língua adicional.

A AD [...] teve dificuldade em se expandir. Ou por não ter os pré-requisitos linguísticos exigidos (fluência oral e boa pronúncia) ou por não possuir a resistência física necessária para manter a ênfase na fala durante várias horas diárias, o professor, após o entusiasmo inicial com AD, acabava sistematicamente regredindo a uma versão metodológica da AGT (LEFFA, 1988, p.215)

Pois como tudo carece de uma preparação, na sala de aula e no ensino não é diferente, o professor que não tivesse a prática de se comunicar com os alunos e estar constantemente trabalhando atividades diretamente ligadas a língua adicional na sala de aula, ou seja, manter viva a fala, a comunicação e a chama do diálogo, teria muitas dificuldades com esse método, como vemos hoje, os professores dando suas aulas de espanhol em português. Nesse caso, o aluno já não tem contato com a língua espanhola e na sala de aula também não terá, só resta aprender gramática, regras e traduções. Daí surge a pergunta deles, para que serve isso? Quando na verdade o professor deveria proporcionar situações reais de comunicação, o que levaria a compreender o sentido real de aprender uma língua adicional, traria mais empolgação e desenvolvimento é o que vamos tratar mais detalhadamente no capítulo 2.

1.3.3 Abordagem Audiolingual (AAL)

Tanto Leffa (1988), quanto Mar (2006) tratam o início da abordagem audiolingual no período da Segunda Guerra Mundial seguindo a mesma postura dos psicólogos Behavioristas – estímulo – resposta – reforço.

[...] o exército americano precisou de falantes fluentes em várias línguas estrangeiras e não os encontrou. A solução foi produzir esses falantes da maneira mais rápida possível. Para isso nenhum esforço foi poupado: linguistas e informantes nativos foram contratados, as turmas de aprendizagem foram reduzidas ao tamanho ideal, e o tempo, apesar da urgência, foi dado com liberalidade: nove horas por dia por um período de seis a nove meses. (LEFFA, 1988, p. 219).

[...] tinham como meta o treino de soldados americanos para a Segunda Guerra Mundial, em 1939. Entre 1942 e 1945, o exército norte americano desenvolve vários programas de línguas, para efetivar o processo de compreensão e expressão oral de línguas. (MAR, 2006, p.184)

Esse método causou repercussão durante aquele tempo, ainda segundo Leffa (1988), as universidades se interessaram por ele e em sequência também as escolas, causando uma grande procura no número de matrícula, mesmo sendo uma abordagem que não trouxesse nada de diferente das que já haviam sido criadas. Até porque se tratava de uma re-edição do método direto, que havia sido rejeitado.

Algumas premissas sustentam essa abordagem, veremos algumas delas baseadas também em algumas características do AAL que são muito relevantes e merecem ser consideradas: -Língua é fala, não é escrita: nada de o aluno ter que aprender a ler e escrever para depois falar, os alunos só deveriam ser expostos à língua escrita quando os padrões da língua oral já estivessem bem automatizados. -A língua é um conjunto de hábitos, ensinar a língua, não a respeito dela: ou seja, a aprendizagem pela prática, através da analogia indutiva, focalizada na prática e não somente a teoria, a língua é o que os falantes nativos dizem, não o que alguém acha que eles deveriam dizer: palavras fortes essas que defendem por inteiro o audiolingualismo, em outras palavras os linguistas não poderiam especificar o que seria certo ou errado, quando o contexto e as situações dos nativos são outras completamente diferentes, preferiu-se usar o termo aceitável ou não aceitável (LEFFA, 1988, p. 220)

Baseia-se nas habilidades primeiramente orais, fazer com que o aprendiz obtenha a capacidade de responder de maneira rápida e corretamente em situações de comunicação oral, no caso da comparação com a língua materna do estudante, nesse tipo de abordagem são permitidas as atividades que são repetitivas e memorizadas, muitas vezes o indivíduo não entendia o que estava repetindo, o papel do aluno é responder aos estímulos e o professor encarrega-se de modelar a língua e controlar os passos do processo. Há também uma preocupação em corrigir os erros gramaticais e de pronúncia na hora que são cometidos, de maneira imediata.

Como todas as abordagens possuem suas críticas, com a AAL não é diferente:

Na prática, havia também problemas sérios. Os alunos que aprenderam pela abordagem audiolingual, pareciam apresentar as mesmas falhas de aprendizagens de métodos anteriores: no momento em que se defrontavam com falantes nativos, em situações reais de comunicação, pareciam esquecer tudo o que tinham aprendido na sala de aula. As repetições intermináveis para desenvolver a superaprendizagem tornavam as aulas cansativas para os alunos e professores. A ênfase na forma, em detrimento do significado, faziam os alunos papaguear frases que não entendiam. (LEFFA, 1988, p.222)

Nesse período houve uma grande crise, pois quando um método não estava funcionando como deveria ou ainda não estava produzindo resultados satisfatórios, os linguistas e estudiosos do assunto já tinham outra saída em mente para oferecer, mas nesse caso não traziam uma solução aparentemente ajudadora para o ensino de línguas e para as várias deficiências que continuavam a encontrar. Ou seja, nos métodos anteriores sempre quando as expectativas dos profissionais da educação falhavam em relação aos resultados obtidos de um determinado método eles já tinham em mente uma “saída” refazendo o método que deu errado adicionando o que parecia ser eficaz e removendo o que tinha sido um “fracasso”. Mas nessa parte do processo houve uma queda, pois, o método audiolingual havia fracassado e não tinham outra ideia em mente.

Foi aí que houve uma ruptura brusca dos métodos que até então existiam e veio a surgir o método comunicativo que é o diferencial entre os aqui citados, o que “revolucionou” o ensino de línguas adicionais até os dias de hoje.

1.3.4 Abordagem Comunicativa (AC)

O surgimento da abordagem ou método comunicativo se deu a partir da rejeição da abordagem anterior que nesse caso era a audiolingual, onde houve uma desilusão, os professores começaram a perceber a falta de interesse por parte dos alunos. Os exercícios de preenchimento de lacunas não estavam sendo eficazes e os alunos eram incapazes de falar e de entender a língua em situações de comunicação, situações reais. Isso era inadmissível, quando o propósito da aprendizagem de uma língua adicional era a comunicação.

Então “[...] na abordagem comunicativa a língua passa a ser entendida como atividade mental: formulação de hipóteses sobre como funciona a língua em uso comunicativo.” (MAR, 2006, p.187). Como vimos anteriormente a abordagem de gramática e tradução, abordagem direta e abordagem audiolingual, tem como ponto principal o *como* e o *que* ensinar, mas, na década de 1970 e 1980 surgiu uma grande preocupação metodológica em relação ao ensino de línguas e a responsabilidade recaiu sobre o enfoque comunicativo, ou seja, a língua como instrumento de expressão de sentidos. O foco passou a estar voltado para a comunicação e a responsabilidade cresceu por parte dos professores, e eles mesmos deveriam participar ativamente de treinamentos e programas que aumentassem seu nível linguístico e cultural das línguas adicionais que ensinassem, pois, essa abordagem oferecia uma dificuldade e exigia o

contato mais próximo possível com a língua meta, para que os aprendizes tivessem um melhor aproveitamento e um melhor desempenho.

Esse método possui algumas características consideradas principais e que o difere das demais abordagens tais como: uso da língua e não no conhecimento linguístico, o aluno é o protagonista de todo o processo e é levado em consideração do início ao fim, as atividades são sempre ligadas a situações reais de comunicações, fazendo com que o aprendiz perceba que aquilo é realmente importante e não apenas decore, mas consiga assimilar, conseqüentemente aprender e a partir de então o professor passa a ser apenas um facilitador, mediador e estimulador desse processo de aprendizagem.

Em seguida observaremos um quadro específico onde vão aparecer algumas características, alguns conceitos, objetivos, modelos de programa, tipo de atividade, papel do aluno e do professor, entre outros, de todas as abordagens tratadas até aqui, facilitando assim a visualização geral do conteúdo trabalhado neste capítulo.

	Abordagem da gramática e tradução (AGT)	Abordagem direta (AD)	Abordagem audiolingual (AAL)	Abordagem comunicativa (AC)
CARACTERÍSTICAS	<ul style="list-style-type: none"> • Memorização de vocabulário • Busca de domínios de regras gramaticais • Lista de palavras descontextualizadas • Exercícios de tradução e versão de textos clássicos latinos e gregos. • Rejeição da língua coloquial e da língua oral • Pronúncia não é valorizada 	<ul style="list-style-type: none"> • Primazia da língua falada frente aos textos escritos • Prática fonética para boa pronúncia • Uso de textos e diálogos contextualizados • Enfoque indutivo • Ensino de novos significados sem recorrer a língua materna 	<ul style="list-style-type: none"> • Língua é fala, não é escrita • Língua é conjunto de hábitos • Ensinar a língua, não a respeito dela • Língua é aquilo que os nativos falam 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso da língua e não no conhecimento linguístico. • Uso da língua em situações reais faz com que a aprendizagem seja eficaz: aquisição. Preocupação como conteúdo: o que ensinar. • Aluno protagonista do processo: necessidades, expectativas da pessoa que aprende e as diferentes formas de aprender e experiências prévias. • Autonomia do estudante deve ser considerada: experiências prévias,

					conhecimentos, modo de aprendizagem, motivação.
ELEMENTOS conceito de linguagem:	<ul style="list-style-type: none"> • Língua é conjunto de regras e exceções gramaticais • Base de descrição é língua escrita dos clássicos • Língua materna é a referência 	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino por meio da língua oral • Fonética começa a desempenhar papel: 1889: Associação Internacional de Fonética • Gramática Indutiva • Regras aparecem como resumo final 	<ul style="list-style-type: none"> • Língua é processo mecânico: repetição / imitação 	<ul style="list-style-type: none"> • Língua implica competência comunicativa. • Teoria das funções da linguagem: dominar as funções linguísticas para poder expressar significados com elas. 	
Conceito de aprendizagem:	<ul style="list-style-type: none"> • Processo dedutivo • Regras devem ser memorizadas • A língua adicional é aprendida com tradução e versão 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparação com a Língua materna • Aprender por meio de imitação /ouvir/repetir • Memorizar frases e pequenos diálogos na língua materna por meio de desenhos, ilustrações, mímicas etc • Aprendizagem imitativa, 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender é formar hábitos linguísticos de repetição • Teoria condutivista: estímulo à resposta à reforço 	<ul style="list-style-type: none"> • As atividades que implicam comunicação real levam à aprendizagem. • As atividades nas quais usamos a língua para realizar tarefas que têm sentido levam à aprendizagem. • A língua que faz sentido proporciona a aprendizagem 	

Objetivos		associativa e indutiva	<ul style="list-style-type: none"> Levar o aluno a uma clara orientação do processo de aprendizagem por meio de conteúdos que sejam significativos. Variar as formas sociais de trabalho: trabalho individual, em grupos, em pares, segundo os resultados esperados. 	<ul style="list-style-type: none"> Primeiramente as habilidades orais Capacidade de responder rápida e corretamente em situações de comunicação oral
Modelo de programa	<ul style="list-style-type: none"> Aluno deve ser capaz de traduzir 	<ul style="list-style-type: none"> Levar o aluno a pensar na nova língua Desenvolver a capacidade de entender e fazer-se entender na língua adicional que estuda 	<ul style="list-style-type: none"> Programa linguístico que contém base da fonética, morfologia e sintaxe da língua. Análise contrastiva da língua materna e da língua adicional é permitida 	<ul style="list-style-type: none"> Ponto de partida que modelos impliquem em comunicação real. Prática das quatro habilidades linguísticas.
	<ul style="list-style-type: none"> Seleção e organização dos conteúdos: critérios gramaticais 	<ul style="list-style-type: none"> Critério de frequência coloquial: conversação Não recorrer a língua materna Aumento gradual de complexidade de situações 		

Tipo de atividades:	<ul style="list-style-type: none"> Exercício de tradução e versão Conjugação verbal em todos os tempos e modos 	<ul style="list-style-type: none"> Ferramenta principal: perguntas Utilização de ilustrações e outros objetos 	<ul style="list-style-type: none"> Diálogos repetidos e memorizados Exercícios de repetição, substituição e transformação 	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de aprendizagem, métodos e técnicas que podem variar de acordo com as situações propostas Conceito metodológico amplo que considere maneiras de aprender, expectativas, condicionantes etc.
Papel do Aluno:	<ul style="list-style-type: none"> Deve memorizar os conhecimentos transmitidos pelo professor: ser passivo 	<ul style="list-style-type: none"> Participa respondendo às perguntas Atividade passiva 	<ul style="list-style-type: none"> Aluno reativo: responde a estímulos Não participa das decisões sobre o processo da língua adicional No início pode não entender o que está repetindo 	<ul style="list-style-type: none"> Protagonista do processo Papel ativo no desenvolvimento de estratégias de aprendizagem e de critérios para a auto avaliação que proporcionem maior autonomia
Papel do professor:	<ul style="list-style-type: none"> Protagonista do processo Fornecer conhecimentos linguísticos 	<ul style="list-style-type: none"> Verdadeiro protagonista da classe: fornece o sistema linguístico 	<ul style="list-style-type: none"> Papel central e ativo: encarrega-se de modelar a língua, corrigir e controlar 	<ul style="list-style-type: none"> Não é mais o protagonista da aprendizagem. Facilitador da aprendizagem e

	<ul style="list-style-type: none"> • Livro didático é o único material • Livro didático é a referência para a comunicação entre professor e aluno 	<p>independente da língua materna</p> <ul style="list-style-type: none"> • Livros didáticos são apenas pautas • Professor deve criar a interação em sala de aula 	<p>os passos do processo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Livros são suporte, deve haver outros materiais complementares • Gravador de laboratório de línguas • Materiais sonoros permitem pronúncia correta e gravam voz do aluno 	<p>estimulador da cooperação entre os estudantes e entre estudantes e docentes.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Materiais bastante flexíveis e que se podem acrescentar coisas, omitir, modificar tudo o que seja conveniente, de acordo com os propósitos e as necessidades do aprendiz.
<p>Procedimentos:</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Técnicas de classe e práticas observadas: <ul style="list-style-type: none"> - Aprendizagens do léxico e da gramática ocorrem por meio de demonstrações visuais, associações de ideias, exemplos e operações analógicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Técnicas de classes práticas observadas: <ul style="list-style-type: none"> • Utilização sempre que possível da língua adicional • Desaconselhável o uso da tradução ou uso da materna • Diálogos são memorizados paulatinamente e lidos em voz alta 	<ul style="list-style-type: none"> • Técnicas e práticas observadas: <ul style="list-style-type: none"> • Pode-se recorrer a língua materna quando for preciso o uso contrastivo. • Diálogos devem ser pautados em conteúdos significativos. • Foco na forma (gramatical) e no

		<p>- Correção do erro é feita no momento que ocorre</p>	<p>individual e em grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Correção dos erros gramaticais e de pronúncia é imediata 	<p>uso(mensagem) sem prioridade de ordem.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O erro só é corrigido quando o foco está na forma e não no conteúdo.
<p>Críticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ensina componente sem sentido: a memorização não leva à aquisição da língua adicional • Frases não levam a comunicação real 	<ul style="list-style-type: none"> • A AD pode funcionar melhor em classes pouco numerosas com alunos altamente motivados • Os docentes devem ser prioritariamente nativos • Aquisição da língua materna é diferente da aprendizagem da língua adicional • Não considera as variantes de sala de aula 	<ul style="list-style-type: none"> • O processo de ensino e aprendizagem se reduz ao conceito condutivista: estímulo à resposta à reforço • Contradição: reivindicação de língua autêntica; no entanto, ensina a progressão gramatical orientada para estruturas formais da língua. • Os exercícios de pattern drills são, na verdade, modelos padronizados de mecanismos de preenchimento de lacunas, desvinculados de 	<ul style="list-style-type: none"> • Crítica a manuais e autores que centraram a língua mais formal na forma oral. • Não se desenvolve o uso das quatro habilidades linguísticas. • A comunicação depende, além da língua coloquial, do contexto social e cultural, do tema, dois interlocutores e de suas intenções. • O conteúdo gramatical pode ser prejudicado ao estabelecer conceitos funcionais e ao desconsiderar a idade e a finalidade do aluno.

			<p>contextos de uso autêntica da língua adicional</p> <ul style="list-style-type: none"> • As habilidades da escrita parcialmente desenvolvidas embora a ênfase seja centrada nas quatro habilidades linguísticas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Como se avalia a competência comunicativa concretamente? • O fato de o professor não ser nativo não afeta a aquisição?
--	--	--	---	---

Figura 3- Quadro adaptado a partir do relatório de pesquisa de Gisele Domingos Mar, baseado em Sánchez Pérez, 1997.

No próximo capítulo analisaremos a abordagem comunicativa, nos aprofundando em suas características, sua formação, sua utilização em sala de aula de acordo com vários autores, em especial Sánchez Pérez (1997) e Almeida Filho (1998).

CAPÍTULO 2

O MÉTODO COMUNICATIVO EM SALA DE AULA E SUAS PARTICULARIDADES

El principal objetivo de la enseñanza comunicativa es que el alumno adquiera la capacidad de usar la lengua para comunicarse de forma efectiva. (MELERO ABADÍA,2004 p.690)

Vieira Abrahão (2015) expõe diferentes interpretações da abordagem comunicativa que podemos observar no anexo A, entretanto dentre elas nos dirigiremos à versão crítica, que irá se preocupar com as reflexões teóricas sobre esse tipo de abordagem.

A abordagem comunicativa tão buscada engloba quatro outras competências, a competência gramatical ou linguística, que é a parte formal de regras da língua, ortografia, semântica, pronúncia, toda a parte “burocrática” da língua como muitas vezes é conhecida. A competência sociolinguística, que por sua vez se trata e está totalmente ligada às convenções sociais de uso apropriado da língua, nessa competência são levados em consideração os fatores externos que contribuem para que a interação aconteça, necessita-se ter o entendimento e a compreensão de cada situação de comunicação, se assim não fosse, um atendente não saberia tratar os clientes com cortesia, mas poderia correr o risco de tratá-los: “E aí moral, o que é que vocês querem? ”.

A terceira é a competência discursiva, “método eficaz que no decorrer do ensino e com o passar de toda a primavera os ursos voaram para o Canadá onde passaram todo o outono, sem ao menos trabalhar”. Não, você não entendeu o que esse trecho entre aspas quis dizer, aqui vemos claramente a carência da competência discursiva, observamos palavras que existem com seus respectivos significados, formas gramaticais, acentuação, pontuação e etc., entretanto não existe uma linha de raciocínio que o leitor possa seguir, se um indivíduo falasse esse trecho próximo a você, a compreensão seria parcial.

O indivíduo entenderia partes isoladas e específicas, não associaria a ideia principal, pois não há coerência e coesão e essas duas pequenas palavras são essenciais em qualquer língua para tornar o texto inteligível, principalmente quando se está aprendendo uma maneira diferente de se comunicar, uma nova língua, um novo contexto cultural, uma nova linha de raciocínio, e ainda pensarmos em espanhol e viver a língua.

Por fim podemos observar a competência estratégica, que está associada ao domínio de estratégias de comunicação verbal e não verbal, como agir, por exemplo, frente a uma pessoa que lhe parece ameaçadora ou ainda quando um rapaz necessita pedir informações para chegar a algum lugar.

Desde a infância o indivíduo enquanto ser social vai adquirindo passo a passo essas competências na sua língua materna, na maioria das vezes sem nem ao menos perceber, mas quando se trata de aprendermos todos esses pontos em uma língua adicional, as dificuldades surgem e é necessário todo um procedimento, técnicas próprias do professor, métodos eficazes, abordagens claras e objetivas, uma reflexão acerca da situação do que seria apropriado para o momento e dos pontos principais que os alunos necessitam.

Para se obter um melhor desempenho e resultados positivos por partes dos professores é necessário que o docente domine a língua estrangeira que ensina, porque muitos terminam sua graduação, se dão por satisfeitos e acabam parando no tempo, em muitas ocasiões a língua é vista como somente um conjunto de regras gramaticais envolto de uma caixa grande de gramática e diversos laços de vocabulário. Entretanto essa visão estreita e resumida deve ser desconstruída e ensinada de maneira que o professor modifique essa visão, muitas vezes sem o aluno se dar conta, o docente utilizando de artifícios, transforma a aprendizagem partir do método escolhido.

Muitos professores não param para pensar no porquê ensinam daquela maneira, ou porque escolhem determinada abordagem em sala de aula, não analisam sua prática, prestando atenção no que ensinam ou no que parece ser mais importante em sala de aula, para esses como cita Sánchez Pérez “la lengua se considera como un sistema cuyo componente prioritario es la gramática pasando todos los demás elementos a ser considerados como secundario” (1997 p.671), desmerecem assim o ponto chave que é a comunicação na língua adicional, priorizando a aprendizagem gramatical, o que muitas vezes não funciona e não há aproveitamento. Não desmerecendo a gramática e suas regras, mas tratando-as como uma consequência da comunicação.

O papel do aluno não é simplesmente parar, ouvir e escrever aquilo que lhe é designado, mesmo sabendo disso, as coisas não mudam, o mediador do conhecimento deve oferecer ao aluno suporte, para que o mesmo consiga desenvolver as habilidades desejadas na língua adicional, materiais que o façam pensar e refletir acerca do que é uma língua, quais os benefícios de aprendê-la e ainda como usá-la de forma prática e espontânea.

Um indivíduo tende a ensinar, seja o que for, a partir de suas crenças e concepções que tenha a respeito. Da mesma forma percebemos que o professor age de maneira semelhante, não que o mesmo ensine o que acha que é certo, mas ensina utilizando como base, aquilo que lhe foi mais proveitoso, que fez com que dominasse determinado conteúdo mais rápido, a tendência é ensinar a partir de sua perspectiva do que é língua, aprendizagem, etc. Se por exemplo o professor foi ensinado de maneira rígida e sem espaço para se expressar, provavelmente da mesma maneira irá deixar transparecer esse modelo, em sua prática docente, se porventura acontece o inverso, o professor saberá também como influenciar o alunado, como fazer com que eles interajam, participem e sintam segurança, fazendo com que os aprendizes percebam claramente que a gramática e demais conteúdos são importantes e ao mesmo tempo são apenas um complemento da fala e que o suposto chefe do conhecimento é apenas um ajudador e mediador entre o aluno e o conteúdo. O aluno é o mais importante neste enredo, como especifica Sánchez Pérez:

Sin embargo, el profesor es sólo uno de los elementos del proceso que tiene lugar en el aula; el otro gran protagonista es el alumno. Incluso más: toda la razón de ser de tal proceso reside en el alumno, no en el profesor. De acuerdo con este enfoque, quien debe recibir atención prioritaria ha de ser el discente. Porque, en definitiva, el objetivo último es lograr que el alumno aprenda. La clarificación de la función del alumno conlleva respuestas a preguntas como: ¿cuál es la naturaleza del aprendizaje?, ¿qué condiciones se precisan para optimizarlo?, ¿qué teoría del aprendizaje es más adecuada, si son varias las que se proponen? (1997 p.673)

Sánchez Pérez (1997) cita um ditado popular comum entre as pessoas que: o professor já nasce com a profissão e não simplesmente adquire. E fazendo uma breve reflexão dele ele deixa claro que o profissional da educação tem suas qualidades e pontos positivos necessários para exercer tal papel, porém ainda essa expressão é uma meia verdade, pois os indivíduos também precisam de uma capacitação, instrução e aprendizagem para chegar a um nível conveniente para exercer sua função como educador, muitas pessoas chegam até a dizer que podem facilmente aprender, com ou sem professor, ótimo, portanto para que aconteça uma aprendizagem organizada de uma língua adicional, é fundamental que haja uma planificação, um planejamento a curto ou a longo prazo, objetivos específicos e previsão do que se deseja obter como resultado final. Para isso temos a diferença de aquisição e aprendizagem. Quando afirmamos que adquirimos uma língua estrangeira ou aprendemos uma língua estrangeira, será que estamos nos referimos as mesmas ideias?

Na aprendizagem, o indivíduo está sendo monitorado, está em um lugar apropriado para tal, está sendo guiado diretamente por outros indivíduos e está realizando tudo de maneira

consciente. Já na aquisição, o aprendiz interage em situações de comunicações da língua que está aprendendo, interage de maneira direta com falantes da língua, convive com eles independentemente do ambiente, e com o passar do tempo vai adquirindo e incorporando a língua inconscientemente, sem uma visão crítica e organizada.

A interação em sala de aula é importante, a relação de afetividade entre professor e aluno, atividades motivadoras, a orientação presente do educador, a convivência quando de confiança, a participação do aluno com seus colegas, as formações de opiniões, o diálogo, as ideias que muitas vezes não coincidem, mas que geram mais conhecimento que o previsto pelo docente. A partir de toda essa convivência vemos a importância do ambiente estudantil, do professor como sendo a ligação para que o aluno siga e a partir dali prossiga seu caminho acadêmico.

A comunicação é o que aprendemos primeiro em nossa língua materna, em seguida, começamos a estudar para aprendermos a ler e escrever, por que com a língua estrangeira é diferente? Alguém pode responder que não temos pessoas ao nosso redor o tempo todo falando espanhol, mas aí é que entra o papel do professor, dominando a língua alvo, trabalhando “incansavelmente”, no sentido de se dedicar o máximo, com o aluno e não com a gramática somente, com o método comunicativo que é o princípio da comunicação conjunta em sala de aula, para que pelo menos esse momento seja prazeroso e eficaz, se assim proceder, temos muita chance de o aluno começar a buscar por si só outras fontes de estudos, músicas, diálogos, filmes, livros, frases, por exemplo.

O ensino comunicativo de LE é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a Língua alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua. (ALMEIDA FILHO, 1997, p. 47)

O aluno vai poder perceber que o que ele está aprendendo ali é válido sim e útil para sua vida. O método comunicativo se sobressai, porque o principal objetivo é aprender a falar um idioma, se expressar com pessoas de outros países e culturas diferentes da minha, é inquestionável o fato de que se tem que aprender a gramática da língua, o léxico, a semântica, o vocabulário por exemplo, mas quando bem trabalhado na prática, tudo isso vai sendo passado, sem ao menos percebermos que estamos dando aulas expondo gramática e comunicação simultaneamente.

Melero Abadía (2004, p. 690) expõe que o professor que faz a utilização desse método tem autonomia e independência para desenvolvê-lo, interpretá-lo, e variá-lo, tendo em mente, é claro, a realidade concreta da sua aula, as expectativas e necessidades dos seus alunos.

Em sala de aula, quando se explora ao máximo os alunos em relação ao que eles podem oferecer e de acordo com o potencial de cada um na língua adicional, muitas vezes o plano feito pelo professor, ou o programa desenvolvido por ele, não funciona da maneira esperada, porque, a comunicação é uma ação espontânea e imediata, a aula pode ser desenvolvida e enveredar por outro caminho totalmente proveitoso, mas que não deixou de lado, os objetivos pensados e planejados no início. O aluno nesse método é o principal, isso significa que o professor, desenvolvendo sua prática, seus conhecimentos, vai disponibilizado e proporcionando aos seus discentes opções de interação, fazendo com que os mesmos interajam e façam utilização dos conteúdos gramaticais de maneira consciente, mas em situações reais de comunicação em sala de aula.

Como professores, quando queremos e temos o objetivo de realmente ensinar a língua, se faz necessário planejamento e ligação direta de abordagem e metodologia. Por exemplo, planejamos um programa baseado totalmente no método comunicativo junto com os conteúdos e atividades em um curso de línguas, que o propósito é comunicação, entretanto a metodologia do professor em sala de aula não faz jus ao que foi proposto no início, ou seja, o tradicionalismo se encontra enraizado no docente. E então, o que podemos fazer? O programa e o material são com objetivos comunicativos e as exposições feitas pelo professor são tradicionais, o curso será comunicativo ou tradicional?

A abordagem/método, como assim preferi, é apenas um caminho que norteia e guia literalmente a vida profissional do indivíduo enquanto mediador direto do conhecimento, pois o que completa e faz com que ele tenha sucesso em sua prática e adquira resultados satisfatórios em sala de aula são as maneiras que irá desenvolver isso através da metodologia, que é imprescindível, ambos precisam combinar do início ao fim, os pontos de vistas dos alunos é o que faz a diferença e o que prende a atenção dos alunos, obtendo bons resultados.

Para isso vemos o que fala Johnson *apud* Melero Abadía (2004 p. 690):

El objetivo es enseñar la capacidad de comunicarse y para ello especificamos y organizamos el contenido de la enseñanza mediante un programa naciofuncional; pero este programa es sólo el vehículo para llegar a un destino, y un curso se considerará comunicativo no sólo por cómo estén organizados sus contenidos sino también por cómo sea su metodología. Así, es posible imaginar un curso naciofuncional que debido a su metodología, no podamos denominar comunicativo.

A relação que o aluno e o professor têm em sala de aula é só uma ponta de toda a estrutura que existe por trás dessa relação, porque sempre ambos têm tarefas a cumprir para a próxima aula, tarefas essas que beneficiam e agilizam o trabalho em classe, mas essa relação pode não ser tão agradável, quando nos deparamos com um cenário real de aprendizagem, como nos quatro períodos que passamos pelos estágios de observação e intervenção. Percebemos que a realidade e a dificuldade é muito grande, porque nas escolas públicas há uma resistência e a maioria dos alunos se sentem indiferentes quando se trata da aprendizagem da língua estrangeira. Muitos começam com uma suposta empolgação e pensando que dentro de uma quantidade mínima de carga horária desempenharão todas as destrezas (ler, escrever, ouvir e falar), certo que não podemos entrar em sala de aula pensando negativamente, sem nos doarmos o suficiente e sem expectativa de melhorar nossa educação, mas da mesma forma que não podemos jamais fechar os olhos para a realidade.

Em algumas localidades, as mais isoladas, em muitos casos o aluno que ali se encontra é o primeiro de sua casa ou de várias gerações a ter o contato com a educação e ainda mais uma língua diferente da sua e que para ele não serve, pois, o ambiente que ele está não o mostra muita coisa. Esses fatores causam sérias repercussões no quesito planejamento de curso, conseqüentemente na produção de materiais e na conduta do professor em sala de aula. Então essa falta de percepção do que é e do para que serve uma língua estrangeira por parte desses alunos influenciam de maneira negativa o conjunto geral das aulas. Neste momento o professor deve iniciar um trabalho de reconhecimento, de exposição e de fabricação de novos pensamentos em seus alunos, um trabalho cultural e psicológico, para que possa ir assimilando seu “novo mundo”.

O professor terá que ter um pouco mais de empenho e esforço, pois a tendência é partir para o método tradicional de apenas copiar, repetir, ouvir, lógico que será necessário e importante, mas ampliar isso é bem melhor e bem mais proveitoso para os próprios aprendizes e satisfatório para o professor. Vejamos o que Almeida Filho (1998) fala sobre a aula de língua estrangeira:

A aula de língua estrangeira como um todo pode possibilitar ao aluno não só a sistematização de um novo código linguístico que o ajudará a se conscientizar do seu próprio, mas também a chance de ocasionalmente se transportar para dentro de outros lugares, outras situações, e pessoas. (p.28)

É pertinente pensarmos em como transferir essa teoria para a prática sem causar desânimo nos alunos que dizem em alto e bom som: Isso aí vai servir para que, se eu moro no Brasil? O ensino comunicativo é aquele que organiza as experiências de aprender em termos

de atividades relevantes, tarefas de real interesse, relacionadas ao contexto que o discente está envolvido e a necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua adicional para realizar ações de verdade na interação com outros falantes e usuários da mesma língua, começando, por exemplo, descrevendo objetos, acontecimento ou história, convidar, despedir-se, cumprimentar, tratar um assunto polêmico e conhecido ou ainda falar sobre o dia a dia dos envolvidos, tudo isso iniciando uma interação na língua meta.

Por que esse método se diferencia dos demais? Tentamos trabalhar com ele, estudá-lo, mas, algumas vezes não paramos para refletir a sua importância e o que tem de especial que nos atrai a ele. Nenhum método/abordagem é intocável e puro, todos os métodos compartilham características uns dos outros, são modificações aperfeiçoadas, porém os materiais comunicativos exigem mais do aluno, menos cópias, mais produções e pensamentos próprios, chama o aluno a expressar aquilo que ele deseja, não de maneira aleatória, pelo contrário, organizadamente, porque as técnicas são interativas sempre com atividade e trabalhos em duplas, grupos simultaneamente na sala de aula.

Em meio a essas questões, há com certeza algumas dificuldades que o professor encontra em aplicar e desenvolver esse método, justamente nesta palavra-chave: aplicar. Quando o próprio docente ainda não introduziu isso em sua vida profissional, em sua filosofia de trabalho, fica difícil e é preferível que o mesmo não aplicasse de fato, mas experimentasse e analisasse a partir de materiais que lhe parecessem melhores. Porque querendo ou não, esse método é bastante complexo e não só é colocar os alunos para falarem alguma coisa, exige conhecimento teórico e uma boa capacidade de comunicação na língua alvo, o que não podemos cobrar quando se trata dos métodos tradicionais ou gramaticais.

Assim como todo problema existe, conseqüentemente existem resoluções, e para o professor vencer essas dificuldades, nada melhor que adotar uma postura segura em busca da reconstrução e do pensamento crítico, e correr atrás para compreender o porquê ensina dessa maneira, os alunos que passam por mim levam o que deveriam levar, porque eles aprendem como aprendem, o conformismo não combina com o profissional da educação, lidamos com pessoas e pessoas estão em constante transformação, a cidade muda, o estado se transforma, a região cresce, o país evolui. E em parte os professores são responsáveis por esse crescimento, o crescimento educacional, na essência faz-se necessário se auto avaliar no contexto que está inserido e procurar diferenciar-se talvez de uma maioria conformada.

Mas alguém pode questionar, como ser comunicativo na sala de aula, como eu sei que estou me aproximando bem desse método? Em seguida vemos alguns pontos expostos por Almeida Filho (1998) explica que: como professor, ser comunicativo, significa:

- - propiciar experiências de aprender com conteúdo de significação e relevância para a prática e uso da nova língua que o aluno reconhece como experiências válidas de formação e crescimento intelectual;
- - poder utilizar uma nomenclatura comunicativa para tratar da aprendizagem da comunicação na língua alvo (tópicos, cenários, funções comunicativas, tarefas comunicativas, papéis sociais etc.);
- -tolerar (por compreender) o papel de apoio de LM, incluindo os erros que se reconhecem agora mais como sinais de crescimentos de uma nova capacidade de comunicação em outra língua;
- - representar temas e conflitos do universo do aluno na forma de problematização e ação dialógica;
- - oferecer condições para aprendizagem subconsciente no trato de conteúdos relevantes que envolvem o aprendiz, para aprendizagem consciente de regularidades linguísticas e até para rotinização de subsistemas linguísticos como pronomes e terminações verbais que embasam o uso comunicativo extensivo da nova língua;
- - respeitar a variação individual quanto a variáveis afetivas tais como motivação, ansiedades, inibições, empatia com as culturas dos povos que usam a língua-alvo, autoconfiança;
- - avaliar o que o aluno pode desempenhar em atividades e tarefas comunicativas mais do que aferir conhecimento gramatical inaplicado sobre a língua alvo.

Características importantes e dentre essas vamos chamar atenção para algumas. O terceiro ponto, tolerar quando o aluno faz o uso da língua materna para obter um apoio/ suporte. Muitas vezes como professores de espanhol não gostamos quando esse tipo de coisa acontece, justamente por serem línguas que se parecem em alguns aspectos, e buscamos exatamente a diferenciação, mas isso pode significar um crescimento na língua alvo e está ligado ao modelo comunicativo do ensino de outro idioma, através de associações e comparações e aos poucos o aprendiz vai se familiarizando, acostumando e chegando ao ponto de não mais fazer essa utilização.

O quarto ponto vale a pena ser lembrado, pois eu enquanto aluna, me questionava e me questiono por que ainda sou, o porquê de o professor de língua estrangeira tratar de tal ponto que não tem nada a ver com minha realidade (realidade da turma), que nunca eu ia fazer a utilização dele, que eu nem sabia o início, o meio e o fim daquilo, isso era perturbador porque tantos assuntos poderiam ser mais eficazes, melhores ou mais chamativos. Mas ainda permanecia calada e buscava participar mesmo que o desinteresse fosse aparente. O professor é responsável por planejar todas as suas aulas e conseqüentemente vai trabalhar em cima do

que os seus alunos lhe mostram direta ou indiretamente. O olhar analisador deve ser constante e a auto avaliação a cada aula deve se tornar costume.

E método comunicativo exige isso, temas que sejam incorporados e que levem os alunos ao diálogo, que eles saibam o que está sendo tratado e possam argumentar, discordar, opinar, e o professor com seu jeitinho possa introduzir ali conteúdos, observações, regras, gramática, engajando é claro nos trabalhos e diálogos, nas atividades escritas e orais. Não vamos generalizar e dizer que, “então não posso expor nada de novo para os alunos, temas que são desconhecidos para eles”, lógico que não só pode, como deve fazer isso, porque se trata de educar e fazer conhecer, mas o segredo é saber planejar, organizar e mostrar da melhor maneira, associando e relacionando sempre ao contexto que todos estão envolvidos. Se é um texto de um assunto não muito comum, relacione-o com algo da vivência dos alunos, introduzindo perguntas comuns a eles. Será que muitos não fazem porque simplesmente é mais trabalhoso, demorado e complicado? A seguir vemos o que nos diz Almeida Filho (1998) a respeito do “ser comunicativo”:

Num primeiro sentido, ser comunicativo significa preocupar-se mais com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da Língua estrangeira. Isso implica menor ênfase no ensinar e mais força para aquilo que abre ao aluno a possibilidade de se reconhecer nas práticas do que faz sentido para a sua vida do que faz diferença para o seu futuro como pessoa. (p.42)

O sexto ponto, que inicia com o verbo respeitar é muito importante porque às vezes o professor força tanto, “obriga” que o aluno faça isso ou aquilo na língua adicional que o aluno já não suporta mais e termina que cansando, deixando-o constrangido, não dá espaço para que ele vá se desenvolvendo, adquirindo segurança ou ainda o próprio professor não proporciona isso. Temos que cuidar nesse aspecto, a intenção pode ser a melhor, mas compreender as limitações e dificuldades do aluno deve ser prioridade.

E por fim o sétimo ponto que é o que muitas vezes não costumamos fazer como professores de outro idioma, perceber o que o aluno nos oferece, não só visando as regras, os conhecimentos gramaticais, mas procurar avaliar a partir de outros ângulos, de outras perspectivas, ser flexível não significa deixar de lado os erros e seguir adiante. Todos os alunos não irão ter bom desempenho nas mesmas coisas, as habilidades variam, aprender um novo idioma não significa aprender a gramática dessa língua, é um conjunto e a gramática é apenas um componente. Um aluno lê e compreende muito bem, outro consegue captar detalhes de um diálogo de nativos, um terceiro fala e tem um bom vocabulário e uma boa pronúncia, e o último escreve perfeitamente de acordo com todas as regras gramaticais que aprendeu, entretanto

digamos que existe uma deficiência de gramática nos dois primeiros. O professor vai fechar os olhos para o bom desempenho deles em outros aspectos e denomina-los como maus alunos por causa da gramática?

Todas essas ideias não são tarefas fáceis para serem colocadas em prática, justamente porque a maneira tradicional de ensinar e aprender está visivelmente incorporada e cristalizada na grande maioria dos alunos e professores, não podemos nos conformar em dizer que é impossível, engajar o método comunicativo, se o profissional deseja trabalhar com sua turma, se a escola incentiva que os professores trabalhem assim, ou se o docente quer que seus alunos vivam a língua estrangeira em sala de aula, sintam a grande diferença de decorar e falar suas próprias ideias, conversar, expressar, nada melhor que ele mesmo incorporar o método comunicativo em suas atitudes e planejamentos para em seguida transmiti-lo, Almeida filho (1998) chama atenção para o equívoco que acontece em comunicarmos tudo por fora mas permanecemos iguais na essência do nossa prática.

Com toda ênfase voltada em sabermos características do método comunicativo, como utilizá-lo, como desenvolvê-lo, deixamos de pensar em como é não ser comunicativo. Há uma diferença entre ser comunicativo e estar comunicativo temporariamente naquela aula ou naquele momento para a realização de alguma atividade, o objetivo real é adquirir um desempenho no uso real da língua em todas as aulas, ser uma constante. Não ser, é construir o ensino em cima das formas da linguagem, da gramática e ter isso como foco principal e mais importante. O professor pode estar cheio de boas intenções, ser otimista e querer o melhor para seus alunos, mas isso não é o bastante, se não proporcionar situações reais de comunicação, interação, diálogos, questionamentos, atividades práticas, escritas e orais, provavelmente não haverá condições satisfatórias de aprendizagem.

Portanto, vamos buscar a diferença tentando dar mais oportunidades aos discentes, muitos alunos são inquietos no sentido de questionar, dizer, saber. E essa inquietação quando bem aproveitada é de grande valia para o próprio professor, é essencial quando o docente sabe lidar moderadamente, sabe controlar esse momento de interação. Uma aula comunicativa não significa estar rodeado de materiais “comunicativos” ou ser um professor “comunicativo”. Temos que saber o que estamos fazendo, instalar essa convicção em todos os envolvidos e aos poucos vamos obtendo a harmonia que tanto buscamos.

No próximo capítulo observaremos um pouco da minha trajetória enquanto aluna do ensino fundamental e médio, o que vem a ser importante para este estudo, pois hoje estou em um papel oposto há alguns anos atrás, vendo as coisas do outro lado da história, quero também

ênfatizar que a vida de uma aluna que se tornou professora é diferente, porque uma pessoa que se tornará um engenheiro, não conviverá com engenheiros desde sua infância na escola, não serão engenheiros que irão lhe educar desde o ensino infantil ao médio. Ano após ano, o indivíduo convivi com professores, até chegarmos a decidir nossa profissão, que neste caso é ser professora, então me deparei com diversos tipos de docentes, dezenas deles com personalidades distintas, inúmeras metodologias e diversos discursos, então qual será minha base, qual modelo pré-estabelecido irei me basear? Muitas opções existem, mas é necessário formar minha própria prática, minha própria filosofia de trabalho.

Para isso os conceitos que vão sendo formados na fase aluna influenciaram nos meus pensamentos atuais como docente da língua espanhola, o que conseqüentemente me fez rever meus próprios princípios e adaptá-los à atualidade, dando ênfase maior nos métodos de ensino até agora observados.

CAPÍTULO 3

REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Uma pessoa necessita trazer à tona suas experiências anteriores que lhe sejam pertinentes para que possa atingir uma adequada compreensão de seu presente estado de “ser”. (TELLES, 1999, p.82)

3.1 Narrativa pessoal - do ensino infantil ao superior – fatores externos influenciam no ensino e aprendizado?

Meu nome é Luana Aline A. de Aguiar, atualmente estou terminando o curso de Letras com habilitação em língua espanhola na Universidade Estadual da Paraíba, (UEPB) Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro, mas antes nunca tinha tido a oportunidade de conhecer essa língua tão esplêndida.

Nasci em Caruaru-PE no ano de 1992 e lá morei até os 15 anos de idade, iniciei meus estudos em uma pequena escola particular, próximo a minha casa, somente até a alfabetização, logo depois ingressei em instituições públicas onde me encontro até o dia de hoje. Da primeira até a oitava série (hoje nono ano), em uma escola municipal, desde o início minha aprendizagem sempre foi explorando, no meu ponto de vista, o lado tradicional, hoje é que percebo, depois do mínimo conhecimento que tenho a respeito, a relação entre professor-aluno em sala de aula, onde o mesmo sabia dos conteúdos passados e o aluno estava ali passivamente para aprender seus ensinamentos.

Saí da alfabetização, alfabetizada. Isso é até redundante, mas atualmente vemos uma boa quantidade de crianças que aprendem a ler e escrever vários anos depois da alfabetização, me parece que isso se dá a partir do modo com que os professores estão ensinando e os métodos utilizados, claro que não podemos generalizar, mas, o que aconteceu com os métodos mais antigos, tão eficazes e proveitosos? Prova disso vemos o programa criado pelo atual governo, o “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa”, que resume em: as crianças até os oito anos devem aprender a ler e escrever. E isso já não era feito?

Comecei a estudar em uma Escola Municipal, oito anos consecutivos convivendo com os mesmos professores, ano a ano, com práticas semelhantes, mas com a mesma ordem e os mesmos métodos determinados pela instituição, um nível de formalidade desde as vestimentas, onde era quase impossível entrar na escola sem o fardamento indicado e com tênis. Todas as segundas feiras no início da manhã, todos nós da escola, reunidos no pátio, tínhamos que nos organizar em fila indiana, divididos por sala, em ordem de tamanho, para juntos cantarmos o hino nacional e o hino da cidade, inspetores nos corredores controlando cada passo dos alunos. De uma maneira ou de outra, todos esses fatores que parecem ser externos, interferem muito na questão “aprendizagem”, pois as crenças, as definições e as concepções sobre o que é educação e aprendizagem vão sendo formadas inconscientemente no aluno.

As aulas de língua adicional que tive a oportunidade de ter foram somente o inglês, porque até então só essa língua era disponibilizada na maioria das escolas públicas. O Professor chegava falando inglês, mesmo não entendendo era o máximo, o professor já com um ótimo currículo, falava de algumas de suas experiências em algumas cidades dos EUA, isso era maravilhoso para uma turma de alunos de ensino fundamental, as aulas eram em português até porque não conseguíamos entender tudo aquilo, mas pequenas expressões e diversas palavras, já conseguíamos pronunciar, sempre com traduções, exercícios diretos de conteúdos trabalhados, associações entre imagens e palavras, formação de frases, repetições a partir da fala do professor, músicas e clipes da atualidade.

Em 2007, terminei o ensino fundamental II, e em janeiro do ano seguinte, me mudei junto com minha família para Monteiro-PB, onde iniciei no mesmo ano o ensino médio em uma escola estadual, onde também tive como língua adicional o inglês, os três anos, somente inglês, mas nesse período não foi uma experiência boa, ou melhor, uma experiência que não me faz lembrar algo que aprendi, pois só fazíamos traduções, e estudávamos o verbo “to be”. Não me recordo de ter perguntado algo ao professor, e ele ter levantado questões a partir daquilo, respondido com clareza e dinamismo, aliás não tínhamos oportunidade para expor e comentar algo, lembro-me bem que ao fazer algumas perguntas eu ou meus colegas, as respostas eram sempre as mesmas, hoje não vamos ver isso, olhe no livro, ou ainda, preste atenção, que você entende, (estava prestando atenção, por isso estava perguntando). O docente responsável costumava

viajar muito e como consequência por diversas vezes recebíamos outras pessoas que não falavam nada, somente faziam a chamada e passavam atividades soltas de tradução.

Durante o terceiro ano, geralmente aqueles que querem continuar seus estudos se deparam com o difícil dilema de: Que Profissão escolher? E comigo não foi diferente, o ano da preparação para o vestibular, mas que curso fazer? Não tinha condições financeiras para tentar fora da cidade, então cuidadosamente, comecei a visitar a UEPB, sempre buscando informações sobre os cursos existentes, dentre os quatro disponíveis, me identifiquei mais com Letras- espanhol, porque primeiro sempre tive a vontade ou podemos até dizer que o sonho de viajar ao exterior, um país hispano - hablante, segundo, o contato com pessoas, me encanta a relação e a importância que tem o professor na vida das pessoas e na sociedade em geral, terceiro, o espanhol é contagiante, certo que a princípio eu não sabia, até então não tinha tido a oportunidade de conhecer essa língua, mas justamente isso que me levou a querê-la, e outro ponto fundamental, foi a necessidade de profissionais nessa área. O mercado de trabalho, após a criação da lei 11.161/2005 exige o ensino do espanhol nas escolas, públicas e particulares, logicamente a procura por professores seria maior, e em muitas escolas isso não estava sendo cumprido justamente pela carência de profissionais na área. Resumindo, o início de tudo se deu pela curiosidade do que seria espanhol, que até então era algo desconhecido para mim, enquanto pessoa.

Hoje estou no nono período deste curso e prestes a finalizá-lo, todos os meus conhecimentos nessa língua devo aos professores mestres e doutores da UEPB, pretendendo assim prosseguir na área da educação, tendo já o espanhol como paixão.

Por esse simples relato pessoal, percebemos já a intervenção de alguns métodos e algumas características que interferiram na escolha do meu tema, o desenvolvimento escolar influi significativamente em um adulto no mundo acadêmico, principalmente no rol da educação e reflete ainda mais quando esse adulto decide ser professor.

Entretanto o início propriamente dito de todo o conjunto de ideias presentes nos capítulos 1 e 2 se deram a partir do momento que me deparei enquanto universitária em formação em Língua espanhola, com duas situações aparentemente opostas, métodos diferentes e alunos com suas limitações, de diversas faixas etárias e interesses diferenciados.

Durante um ano e meio, ministrei aulas no curso de extensão de espanhol aberto à comunidade, oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tive a

experiência de trabalhar com alunos adolescentes, até pessoas da terceira idade, turmas diferenciadas pelo simples fato de estarem ali, de livre espontânea vontade, o que facilita e muito o trabalho do indivíduo enquanto mediador do conhecimento.

A princípio foi exposto pelas coordenadoras que tínhamos que utilizar o enfoque ou método comunicativo, porque se tratava de um curso onde o principal objetivo era fazer com que os alunos tivessem uma noção básica e média de como se expressar e se comunicar na língua espanhola. Esse método de ensino exige muito do aluno, porque as aulas giram em torno de perguntas, debates, entrevistas e diálogos, então quando não há interação do aluno é um pouco complicado dar continuidade com esse método.

Minhas aulas tinham como base inicial o livro e sempre fazendo a utilização de outros materiais que me parecessem importantes e que tivessem a ver com os objetivos de cada aula. Na aula comunicativa é dada importância e relevância ao que pensa o aluno, a língua informal é trazida e não é desvalorizada naquele momento, o professor precisa utilizar de diversos artifícios para criar situações reais de comunicação, para que o alunado possa sentir-se confiante e perceber que o que ali aprendem realmente servirá em um futuro não muito distante talvez. Mas para que falem corretamente e se expressem de maneira clara e concisa é necessário ao menos estudos acerca da gramática, sabendo disso, passava sim conhecimentos teóricos de maneira que natural, sem que houvesse toda a tensão de uma aula completa, expositiva, somente de gramática, as dúvidas iam surgindo no decorrer do processo da fala e em pequenos períodos de tempo, as explicações eram feitas a partir dos questionamentos naquele momento.

Não é um método fácil, justamente porque a maioria tinha o costume vindo do método tradicional, a prova disso é que a todo momento, queriam e pediam que eu escrevesse conceitos, regras, exemplos, explicações e principalmente conjugações verbais, eles não admitiam que os verbos mesmos que bem trabalhados oralmente fossem suficientes para que pudesse aprender, necessitavam ter algo concreto em mãos, para eles isso era o essencial, o importante, é o que significava que estavam aprendendo algo. Isso me impressionou porque a grande maioria não se dava conta dos assuntos e dos conteúdos que aprendiam fazendo apenas atividades práticas e discursivas junto comigo, utilizando os materiais que tínhamos.

Certo dia, por alguns instantes fiquei perplexa e desolada, logo a frente você vai entender o porquê de tamanho drama, principalmente se for um professor. Preparei a

melhor aula, as famosas aulas comunicativas, interativas e dinâmicas, estávamos próximos de uma avaliação e depois de uma aula que para mim foi muito produtiva, porque eles interagiram de tal forma que não nos demos conta do horário, enfim ao final um dentre os presentes, se pronunciou e disse: “os conteúdos da prova são tal, tal e tal” em seguida afirmo, “e os de hoje também”, “mas professora hoje não vimos nenhum assunto, só conversamos”. Não, como isso pode acontecer, pensei, foi trabalhado o futuro imperfeito e possessivos átonos e tônicos, várias atividades feitas dando ênfase nisso, ouvimos diálogos, formamos os nossos, apresentamos pequenas situações de comunicação, escrevemos cartas de como estaríamos no futuro focando as terminações para cada pessoa, dentre outras pequenas atividades e para aquele aluno, não vimos nada. Foi constrangedor. O problema foi comigo, com o método ou com o aluno?

Mas de maneira geral, eles com o passar do tempo conseguiram assimilar como o trabalho ia sendo feito, em cada turma que eu tinha a oportunidade de ser professora naquele semestre eram novas experiências, novas descobertas, depois daquela situação busquei aperfeiçoar a minha maneira de transmitir o conhecimento, de ressaltar pontos importantes das atividades, chamar atenção para os conteúdos sem que parecesse algo mecânico, mas trabalhando o lado comunicativo de maneira mais clara e objetiva, tudo é questão de prática, e até eu como professora em formação não havia me deparado de maneira tão direta com esse método. O choque foi primeiro em mim, talvez por ser tão firmada no tradicionalismo, mas em algumas aulas era necessário fazer o uso do quadro e parar um pouco, dando explicações teóricas, eles cobravam muito esse lado. Mas imagino que consegui o objetivo principal, cada turma a sua maneira fazer com que aprendessem ao menos o que era proposto nos nossos planejamentos da língua espanhola, as aulas eram dadas em espanhol e os mesmos se comunicavam também em espanhol e muitos com o vocabulário amplo, com alguns equívocos básicos, mas, sempre as correções eram feitas na hora que acontecia o erro, assim era uma oportunidade de dar novos exemplos, construir novas frases, novas expressões e novos pontos de vista.

Simultaneamente durante um semestre, tive a oportunidade de ensinar em um curso preparatório para o ENEM² e de acordo com a dirigente, o foco principal está diretamente ligado à gramática e à compreensão textual, até porque se trata de uma

² Exame Nacional do Ensino médio / exame realizado anualmente e os resultados obtidos ajudam os estudantes a ingressar em universidades públicas ou ganhar bolsas em universidades privadas.

prova escrita. Consequentemente os alunos que estiveram ali presentes, pouco se importavam em eu dar a aula em espanhol ou não, não queriam aprender expressões e frases úteis em espanhol, e o interesse acerca do vocabulário era mínimo, por um lado isso não é nada ruim, o ambiente, a necessidade e as circunstâncias fizeram com que os mesmos se dedicassem somente ou quase cem por cento à parte formal e gramatical da língua.

Como consequência dessa necessidade imediata, a direção do curso foi bem clara e teve um discurso simples e direto: “Os dois professores que aqui já passaram não deram certo, os alunos estão pagando e não tiveram a oportunidade de ter aulas de espanhol, você precisa nos ajudar, faça uma lista dos principais assuntos gramaticais das últimas provas do ENEM e comece as aulas, a metodologia está a seu critério, mas o nosso foco aqui é o tradicional, temos apenas 6 meses”. Lógico que o que aqui foi escrito, foi um resumo da conversa que tivemos poucos dias antes do início das aulas de espanhol, que seriam às quartas das 19:00 às 21:30. Sem contar com o grande equívoco vindo da direção do curso, que a princípio não me dei conta, no ENEM não são somente questões gramaticais, o grande foco também é a interpretação textual o que leva consequentemente ao vocabulário e expressões úteis que são necessárias para compreender as questões e analisá-las.

Comecei, minhas aulas eram diretamente ligadas ao conteúdo abordado no dia, exercícios distribuídos a todos, listas de questões de vestibular, algumas questões trabalhadas no quadro, fazendo com que os alunos elessem a que lhes parecesse correta e tendo que justificar para todos, depois que os debates iniciavam e as opiniões se formavam, era a hora de discutimos cada alternativa ao pé da letra, e ver quem havia acertado ou não, eu não cobrava a questão de eles tentarem falar algumas coisas em espanhol, a situação não permitia, a metodologia usada era exposição do conteúdo, esclarecimento das dúvidas, realização das atividades e questionários e em seguida correção coletiva. Particularmente eu não vejo o tradicionalismo como sendo inimigo número um do ensino-aprendizagem, certo que estamos falando de casos isolados, minhas experiências, mas, houve uma aceitação por parte dos alunos em ambos os casos (no primeiro caso, somente umas pinceladas da abordagem tradicional) porque se tratando de uma língua adicional o aluno tem certa vergonha, timidez ou até mesmo uma sensação do ridículo quando é desafiado a falar ou pelo menos tentar, parece mais conveniente fazer com que os mesmos se aprofundem um pouco e passo a passo vão se

familiarizando com a língua, adquirindo segurança, e nesse caso, essa turma, poderia ser que depois tivessem a curiosidade de estudar mais o espanhol, como foi o caso de uma aluna, que me procurou para saber se podia fazer parte do curso de extensão que tem como enfoque a comunicação, ministrado por mim na UEPB, justificou ela que já tinha tido aulas de espanhol na escola onde estudou, mas que o docente dava suas aulas em português. Isso é inadmissível, pensei!

Fazendo uma breve reflexão dos relatos pessoais e da parte teórica do conteúdo, de maneira geral qualquer método que decida o professor é necessário dedicação. Atingimos melhores resultados com uns do que com outros, existem aqueles que são mais eficazes, que os resultados são consideravelmente bons, em todo caso uma coisa muito importante, temos que adequar o método às circunstâncias e principalmente aos objetivos que desejamos atingir, isso é fundamental.

Enfim, as duas experiências foram simultâneas e o método comunicativo e tradicional exigem muito do professor assim como todos os outros, mas o segundo tem o professor como o foco principal da sala de aula, o aluno é um ser passivo, receptor do conhecimento, na atualidade temos que procurar modificar isso, temos que buscar formar cidadãos reflexivos, que saibam argumentar, opinar e certos métodos mecanizados não colaboram.

O papel do professor, inicialmente, deve estar focado na conscientização em relação à importância de uma língua adicional na vida de um indivíduo e da necessidade que há na atualidade de pessoas que saibam outros idiomas, aprendizagem adicional, sempre é importante em qualquer área de trabalho. Das diferentes linguagens e maneiras de expressão, desmistificar o preconceito que muitos expressam e declaram contra outras culturas e outros costumes, tudo isso a partir do ensino da língua adicional na escola.

E para isso é importante que saibamos o que é língua, linguagem, língua adicional e saber também diferenciá-las pois estamos ligadas com todas em cada momento de nossa profissão. A língua é a capacidade de falar que o indivíduo tem ou não desde o nascimento, é a língua materna desse indivíduo. Já a linguagem é o desenvolver da língua no decorrer de sua vida, o que o ser humano aprende relacionado a língua, a comunicação na sociedade e no meio em que vive e por fim língua estrangeira que se refere a língua de outra pessoa de nacionalidade diferente da minha, a nova língua que começo a aprender e estudar.

Mas o que podemos dizer acerca de duas abordagens dentre as quatro que vimos e que são as mais opostas, o comunicativo e o tradicional? Abordagem tradicional, para mim se trata de estudar principalmente a gramática, textos, interpretações, fazer com que o aluno aprenda através da escrita, de exercícios, questionários e da repetição. A questão de o professor ser o centro da sala não é o ponto pelo qual admiro este método, pelo que eu acho, há também um aproveitamento quando se explora bem o conteúdo gramatical ou cultural que será trabalhado, em um quadro, com exemplos, perguntas, respondendo a dúvidas na íntegra, lançando desafios para que eles consigam resolver determinados pontos, fazendo comparações entre conteúdos, conjugações verbais, vocabulários e etc. Sempre trabalhando na ordem do livro em questão, mas utilizando de outros apoios quando necessário. Uma aula básica minha com o método tradicional:

Apresentação de frases ou pequenas perguntas para que os alunos tentem responder relacionado ao conteúdo que será trabalhado, mesmo eles não conhecendo detalhes sobre tal assunto.

- Expor o conteúdo no quadro, para que eles possam escrever regras, observações, exemplos. Explicando-o passo a passo, junto com exemplos.
- Resolução das perguntas e dúvidas existentes entre eles, criando novos exemplos, sejam eles em texto, frase, slide ou na letra de alguma música.
- Resolução das atividades lançadas no primeiro ponto, comparando as respostas do “antes de saberem” ou do conhecimento prévio que possuíam com o “depois de estudarem o assunto”.
- Exercícios e atividades um pouco mais formais, individuais.
- Correção em grupo onde o professor pergunta e eles podem responder e de acordo com a questão ou assunto, se dirigir ao quadro para expor sua resposta.

Em contraste temos a abordagem comunicativa: se trata de aulas que exploram bem mais a fala, a comunicação e o uso de expressões do dia a dia, trabalhando quase cem por cento questões dialogadas, fazendo com que o aluno fale e fale muito durante as aulas. Deixando de lado a exposição gramatical e focando somente na comunicação-audição. Utilizando pouquíssimas vezes o quadro, exercícios e atividades diretas. Sempre transformando as questões de provas, por exemplo, em situações cotidianas. Os assuntos gramaticais aparecem de maneira resumida e o professor não pode se deter muito nesse ponto, pois a exposição gramatical deve ser dentro das questões comunicativas, por exemplo, se uma questão expõe o uso dos artigos em espanhol, durante a realização dessa

atividade é que o professor vai especificar quais são os artigos, para que o aluno já aprenda em modelo de comunicação e não aprender primeiro e pôr em prática adiante, como acontece no modelo tradicional. Minha aula com o método comunicativo:

- Utilização do livro utilizado, trabalhando questões orais, antes de expor o conteúdo.
- Exposição do conteúdo, mas geralmente sem copiar nada, explicando-o e dando exemplos oralmente. Até por que o livro traz o assunto.
- Realização de atividade do livro, sempre com o professor, pois se tratam de perguntas, diálogos, discussões, entrevistas, áudios, vídeos e etc.
- Resolução das perguntas e dúvidas frequentes entre eles, sempre procurando exemplos na oralidade. Caso necessário, por um motivo ou outro utiliza-se o quadro.

São os métodos que mais se opõem em relação às suas características, métodos que causam diferentes impactos, e diferentes resultados dependendo do grupo de alunos e dos objetivos que se desejam obter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, organizamos as reflexões e discussões expostas e apresentadas neste trabalho e concluímos pelo que já observamos, estudamos e também por nossos conhecimentos prévios, que as aulas aqui apresentadas consideradas tradicional e comunicativa estão relacionadas durante todo o tempo, a visão que tinha antes, provavelmente era, se o aluno escreve, escreve, é aula tradicional e se ele fala, fala, é aula comunicativa, creio que muitos também possuem essa visão restrita e leiga, entretanto isso é muito equivocados. Para um professor é quase impossível trabalhar com uma abordagem pura e seca. Até porque escrita e fala são modalidades diferentes de comunicação.

A princípio, tentei diferenciar aula comunicativa e a aula tradicional, a concepção que tive depois de análises e leituras não coincidiu com o que pensava, pois pelos relatos, eu dou voz ao aluno na suposta aula tradicional e como vimos no quadro na parte AGT, o papel do aluno é apenas memorizar, ser altamente passivo, e o professor é o protagonista e fornecedor de conhecimento. Quando cito, que busco que o aluno produza seus próprios exemplos, que façamos correções grupais contrastando opiniões, de maneira nenhuma estou fazendo utilização de um tradicionalismo total, em ambas as aulas, são expostos conteúdos, são feitas anotações, é utilizado o livro, atividades individuais, da mesma forma que a oralidade está presente, em perguntas e respostas, em debates, em expor seu ponto de vista e discordar do outro, fazendo assim uma interação mais espontânea.

Minha maneira de aprender foi diferente, foi um pouco sem espaço, de certa forma, tradicional, imagina de gerações anteriores a minha? Mas nem por isso me privei a enxergar aquilo que queria pelo meu costume. Em algumas ocasiões são as escolas que “forçam” os professores a atingir essa disciplina desenfreada e esse sistema rigoroso de ensinar. Mas particularmente hoje modifiquei meu pensamento, melhorei minhas ideias e aperfeiçoei minhas concepções no decorrer dos anos enquanto universitária, descobri que ensinar realmente é uma arte e que não se pode privar o aluno, temos que dar a liberdade ao conhecimento e permitir que o mesmo saia dessa esfera de negação, de recepção, de conformismo e que mesmo que iniciem pensando pouco, mas que iniciem, porque não tem como começar a andar sem dar o primeiro passo.

Não se conhece ainda tudo sobre esses diversos métodos aqui tratados e principalmente sobre o método comunicativo, entretanto foram trazidos alguns conceitos, características do que seria o método mais recente, o comunicativo. Nós professores temos que ter em mente a diversidade dos alunos, entre as instalações da universidade conhecemos o lado perfeito da educação, mas quando saímos a campo, percebemos que existem suas dificuldades assim como em qualquer outra profissão.

O professor tem que se dar conta que há diferentes maneiras de aprender, conseqüentemente ele tem que ter diferentes meios de ensinar, o tempo que cada aluno leva para aprender, para se familiarizar com os conteúdos que vão sendo expostos, adquirir segurança com os assuntos trabalhados, então o professor necessita estar em constante organização em relação às técnicas, os procedimentos e ao tempo que vai utilizar, lógico que o tempo e a quantidade de aulas não é o melhor amigo do professor de uma língua adicional, mas aí é que está o desafio, fazer com que seu objetivo seja alcançado no tempo disponível, através de um livro, um filme, uma música, um texto, um poema, uma história, uma leitura, uma dança, uma brincadeira, naquele momento de sua aula. Cada aula se tem um objetivo, então busque realizá-lo.

Escrever, ler, ouvir e falar são principais objetivos de um professor de língua adicional, porque engloba tudo. Cabe ao docente analisar, quando as coisas não vão bem, devemos questionar, investigar e modificar, ou seja, ação- reflexão- ação. Quando tudo está saindo como foi planejado, não devemos nos acomodar, e sim aperfeiçoar. O professor não pode e não deve parar no tempo, lidamos com jovens, crianças, idosos, adultos, cabeças diferentes e inquietas.

Somos pesquisadores, estamos em constante estudo, somos guia, não mostramos simplesmente o caminho, mas caminhamos com eles, somos amigos e companheiros, nos apegamos aos alunos que muitas vezes nos cativam ou não, algumas vezes somos o único exemplo bom de algum deles. Toda essa questão se envolve de maneira direta e explícita, porque reflete na maneira que abordamos e trabalhamos em sala de aula, como vamos obter resultados satisfatórios, como vamos despertar o interesse e como vamos transformar nossa aula em um momento bom, prazeroso, diferente e interessante.

A abordagem/método é a filosofia do professor, é o que ele traz consigo, suas crenças, seus próprios conceitos, suas vivências passadas, junto, é claro, do que ele aprende nos seus anos e anos de estudo. Por muitos anos a procura do método perfeito

foi algo desesperadamente estudado e buscado, como se fosse o antídoto perfeito, entretanto sabemos que isso é uma utopia, devemos trabalhar com as cartas que nos são oferecidas. Usar como apoio e suporte vários métodos, associá-los quando necessário.

O método comunicativo se sobressai, há quem diga que não. Porém qual o aprendiz que se dispõe e deseja estudar uma língua adicional e não quer se comunicar normalmente com um nativo dela? Por isso o cuidado em evidenciar esse lado, em fazer das aulas um momento cultural, um mundo diferente do que o aluno vive, fazê-lo refletir. Uma questão leva a outra, e nesse caso isso leva diretamente a outras nações e culturas, a ética em sala de aula e a visão mais ampla de que: para minha cultura pode ser equivocado, mas para a do meu vizinho é sagrado.

Tudo isto inclui a ética e a pluralidade cultural que fazem parte dos temas transversais³ explicados detalhadamente no anexo c, se nos prendermos ao que já está feito a todo momento, ao que já é restrito, não convém, pois, a partir desses temas podemos continuar pesquisando e uma pesquisa que complementa cada vez mais a outra, é inevitável não falarmos das diferenças entre países e culturas quando estudamos uma língua adicional, que leva a ética e o respeito para com elas e etc. O que relacionamos com a maneira que vamos tratar esses pontos em sala de aula, além de gramática e tradução, ou seja os métodos de ensino, as abordagens de ensino.

Portanto termina sendo algo além da nossa própria visão, tanto como professores, quanto primeiramente pessoas que fazem parte de uma sociedade, indivíduos em transformação. O final desse trabalho pode ser apenas o começo de mais temas estudados e analisados a partir do olhar docente. Enquanto houver pessoas há estudo, infinito de conhecimento e o prazer no aprender e no ensinar.

³ Temas Transversais: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Temas Locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. *Algumas Reflexões sobre a abordagem comunicativa, o pós-método e a prática docente*. Entre línguas, Araraquara, v.1, n.1, p.25-41, 2015.

ALMEIDA FILHO, José Carlos de. *Dimensões comunicativas no ensino e línguas*. Campinas – SP: Pontes, 1998.

BRASIL. Lei n.º 11.161, de 5 de agosto de 2005. *Obrigatoriedade, inclusão, disciplina, língua espanhola, estabelecimento de ensino, ensino médio*. Diário Oficial [da] República da Federativa do Brasil. Brasília, DF, 08, ago. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / secretaria de educação fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

LEFFA, Vilson J. *Metodologia do ensino de línguas*. In: BOHN, H. I. e VANDRESEN, P. (org.) *Tópicos de Linguística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2000. p.456.

MAR, Gisele Domingos do. *Ensino de língua estrangeira: abordagens*. In: LAFACCE, A.; TASHIRO, E. A.; SILVA, M. R. G. L.; CRUZ, M. L. O. B. (org.) *Estudos linguísticos e ensino de línguas*. São Paulo: Arte e Ciência, 2006.

MAR, Gisele Domingos do. *Quadro comparativo das abordagens e métodos*. FAPESP, 2002.

MELERO ABADÍA, P. *De los programas nocional-funcionales a la enseñanza comunicativa*. En SÁNCHEZ, J. y SANTOS, I. (eds.), *Vademécum para la formación de profesores. Enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, 2004 págs. 689-714.

MOREIRA, H; CALLEFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

RICHARDS, Jack C; RODGERS, Theodore, S. *Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas*. Editorial Edinumen, 1998.

SÁNCHEZ PÉREZ, A. *Los métodos en la enseñanza de idiomas*. Madrid: SGEL, 1997.

SÁNCHEZ, A. *Metodología: conceptos y fundamentos*, en Isabel Santos/J. Sánchez, eds., (2004), Vademécum para la formación de profesores. Enseñar español como 2ª lengua/lengua extranjera, Madrid: SGEL, 2004 s.a. Págs. 665-689.

SOUZA, F. M. *Teletandem UEPB*. Projeto de Extensão. Campina Grande: PROEX/UEPB, 2015.

SOUZA, F. M. *A sétima arte como artefato semiótico mediador das reflexões a respeito de como se aprende uma língua adicional*. Revista Hispanista (Edição em Português),

TELLES, João A. *A TRAJETÓRIA NARRATIVA: História sobre a formação do Professor de Línguas e sua Prática Pedagógica*. In: Trab. Ling. Apl., Campinas, (34): 1-100, Jul/Dez. 1999.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. *Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, v. 26, p. 73-88, 2008.

WALL, Daiane Van Der. *Gramática e o ensino da língua portuguesa*. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. PUCPR p. 983-994, 2009.